

REVISTA

www.revistaraca.com.br

RACA



**UMA
ABOLICIONISTA**
NA NOTA DE
20 DÓLARES

**VERÔNICA
COOK-EUELL**
DESTACA DIVERSIDADE
NAS MINORIAS

ANGOLA
INCENTIVA O TURISMO

NA COLUNA
THÉO VAN DER LOO:
UM BRANCO NA LUTA
ANTI-RACISTA

AMOR PRETO

A FAMÍLIA DE JOYCE RIBEIRO





Conhecer o próprio corpo. E usá-lo como **(bem)** entender.



Crescer é uma jornada cheia de desafios: aceitar o seu corpo como ele é, ter inúmeras dúvidas sobre sexualidade, assédio ou como evitar uma gravidez não planejada.

Você não está sozinha.



Saiba mais em:
www.eladecide.org

***Ela*decide**
seu presente e seu futuro



#ElaDecide

Vem com a gente:





Mauricio Pestana

Jornalista, publicitário, cartunista, escritor e roteirista
pestana@revistaraca.com.br

UM NOVO TEMPO

O Brasil não é para amadores. A famosa frase muito conhecida no meio político brasileiro nunca pareceu tão real como agora. A grave e infinita crise que vivenciamos tem nos exigido cada vez mais um grau de perspicácia, inteligência e esforço no qual talvez só tenhamos nos defrontado há 131 anos, quando fomos jogados a própria sorte com a assinatura da Lei Áurea.

Um alento nessa história toda é que, pela primeira vez, não estamos sós, embora todos os institutos de pesquisas apontam que, para o negro, a crise é mais severa. Somos a maioria entre os desempregados entre os de renda mais baixa e agora, segundo uma pesquisa, já somos a maioria entre os jovens que cometem suicídio no país. Mas não há mal que sempre dure e nem bem que nunca se acabe. Há perspectivas positivas na saída dessa crise.

O Brasil é o país que mais se assume como negro. Nos últimos três anos a população que se autodeclara preta aumentou em quase 5 milhões, encolhendo a população branca. “Pardos” continuam sendo a maioria.

Também é de negros, pela primeira vez na história, o número de pessoas donas do seu próprio negócio. Nunca também tivemos um índice tão grande de pessoas negras com curso superior. É significativo ver o quanto a Academia Brasileira enegreceu nos últimos anos.

E, se é na crise que temos que ser mais criativos, inovadores, mais ousados para sobrevivermos, tem sido nas artes que esses atributos são essenciais e estamos dando a volta por cima. A dramaturgia brasileira tem sido um campo que tem se afirmado positivamente. Atores e atrizes negros ocupam espaços jamais ocupados em um outro momento da nossa história.

No Rio de Janeiro - celeiro de grandes artistas de TV, do teatro e cinema brasileiro - atores negros estão em todas essas frentes como nunca antes, o que nos aponta para uma situação de que, ao contrário de outros tempos, sairemos possivelmente mais fortalecidos desta crise, rumo à tão falada e desejada democracia racial.



FOTO: TERRA PRETA PRODUÇÕES

A DIVERSIDADE ENTRE MINORIAS

por MAURÍCIO PESTANA

E M RECENTE VISITA AO BRASIL, VERÔNICA COOK-EUELL, GERENTE DO PROGRAMA DE DIVERSIDADE DE FORNECEDORES DA KENT STATE UNIVERSITY, DISSERTOU SOBRE O FOMENTO DA CADEIA DE FORNECEDORES EM DIVERSIDADE, ALGO MUITO FORTE NOS ESTADOS UNIDOS. RECENTEMENTE NOMEADA ADVOGADA DO ANO PELO CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO DE FORNECEDORES DE MINORIAS DE OHIO, CONCEDIDO ÀQUELES QUE APOIAM O DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS MINORITÁRIOS, SÃO VISÍVEIS NA COMUNIDADE EMPRESARIAL, EXIBEM UM FORTE COMPROMISSO COM A DIVERSIDADE DE FORNECEDORES E CONTRIBUEM PARA OS ESFORÇOS DO OHIO MINORITY SUPPLIER DEVELOPMENT, VERONICA CONVERSOU COM EXCLUSIVIDADE COM A REVISTA RAÇA. CONFIRA.



Quais as suas impressões nesta sua primeira visita ao Brasil?

O Brasil é um país maravilhoso, nunca tinha viajado para um país tão longe fora dos Estados Unidos e foi muito interessante já no voo. As pessoas perguntavam se eu era brasileira, já que nossos aspectos físicos são muito parecidos. Este é um país incrível, tenho me sentido muito bem.

A senhora está em São Paulo, é sempre bom lembrar que temos desigualdades enormes, não só regionais, mas também locais. Teve a oportunidade de visitar as periferias?

Sim. Já pude perceber a desigualdade logo que eu cheguei ao aeroporto. Percebi vários profissionais trabalhando em uma construção e fiquei muito feliz, mas foi uma felicidade momentânea. Observei que todos os funcionários eram subalternos, não havia negros no comando. Não vi negros donos de construtoras.

Em seus estudos está a questão da diversidade em instituições americanas. Aqui no Brasil ouço com frequência que mulheres, LGBTQ+ e outras “minorias” têm avançado mais que os negros. Esta também é uma realidade nossa.

É importante lembrar como inicia a história da inclusão de negros nos Estados Unidos. Lá o processo teve um forte avanço com a luta pelos direitos civis, sobretudo nos anos 60. Foi um movimento tão forte que atropelou e incorporou outros, como o das mulheres LGBT. A questão racial sempre foi muito forte ajudando a pautar, inclusive, esses outros movimentos. Acredito que, talvez por isso, lá a questão racial tenha um traço tão forte nas conquistas.

Por que os avanços são mais consideráveis e palpáveis, por exemplo, no caso das mulheres?

Pode parecer contraditório, mas vou dizer: sou mulher e tenho consciência que a coisa não está fácil para nós, mulheres. No meu país, as mulheres ainda recebem menos

da metade que os homens, ainda ocupam, na maioria das vezes, cargos inferiores. Porém, têm que fazer lutas diferentes. Sou mulher, sendo negra sou duplamente discriminada. Se for deficiente física e veterana de guerra, piorou. Mas tenho que separar todas essas coisas e, caso você perceba que a questão racial é a que mais marca a discriminação, é ela que tem que ser atacada. Ela que tem que ser o foco, as empresas que trabalham com inclusão têm que ter isso como premissa. Fazer o trabalho mais difícil, porque os outros caminham juntos! Eu quero defender lutas diferentes!

Qual o argumento mais forte e convincente para uma empresa implementar políticas de inclusão e diversidade?

Quando me perguntam isso respondo da seguinte forma: Se grandes empresas como Google, Microsoft, IBM, Coca Cola estão nesse negócio, é porque, além de tudo, deve ser muito bom para o business. Estou falando das maiores empresas do planeta. Onde você quer estar: ao lado dessas empresas ou daquelas que ainda não saíram do século passado?

Percebo em sua fala muito mais as palavras inclusão e diversidade do que ações afirmativas, qual o motivo?

As ações afirmativas são um processo muito importante em meu país, mas quando falo em inclusão e diversidade vou muito além. Estou falando diretamente de desenvolvimento econômico para setores que muitas vezes mesmo se



beneficiando de uma ação afirmativa não conseguem ultrapassar as barreiras da exclusão. Você pode ter sido um negro (a) que estudou por meio de ação afirmativa, concluiu o curso vai concorrer em pé de igualdade com um colega branco. Contudo, se historicamente o mercado se desenvolveu em um processo de exclusão, você fatalmente será vítima desse processo de exclusão.

Uma questão importante é a raiz da desigualdade no Brasil, o processo de exclusão...

Sim, é esse processo que torna a sociedade desigual. E se essa sociedade traz marcas profundas da escravidão e das desigualdades que havia entre negros e brancos nesse período, a exclusão vai ter cor e origem. Falei para um grupo de empresas aqui no Brasil; estavam representantes da Nike, Google, Itaú, Coca Cola, Johnson entre outras, falei sobre contratos que é a área que mais estudo e perguntei: Como têm sido os contratos com as empresas de minorias? Os afroempreendedores precisam ser incluídos?

Eu diria que não vai muito bem... nós mesmos, aqui na RAÇA, que é uma revista desta camada chamada de “minoría”, temos dificuldades de encontrar anunciantes dessas empresas que se dizem ter programas de Ações Afirmativas.

Exatamente, é essa percepção que o mercado tem que olhar. Mirar naqueles que nunca foram olhados, tratar com equidade aqueles que sempre foram tratados com desigualdade. Quando você tem esse olhar para os contratos com fornecedores, com colaboradores, quando você olha para suas estruturas de direção, para os conselhos e não encontra aqueles que estão do outro lado do muro, quando você não os vê em sua estrutura, é sinal de que tem algo errado. E o que está errado é o processo estorpecido de exclusão que ainda temos em nossa sociedade e é isso que precisamos combater.

O que poderia acelerar o processo de inclusão dessas empresas de minorias?

Aqui no Brasil vocês têm dificuldade de entender essa classificação que, para nós, nos Estados Unidos, é bem definida. Sabemos o que é uma empresa de minoria.

E a senhora teria uma pista para nos dar?

Eu começaria colocando os grupos que historicamente foram excluídos; no caso americano são negros, latinos, asiáticos, por exemplo. São camadas que sempre tiveram dificuldades de desenvolver seus negócios e por isso precisaram ser olhadas de forma diferente para serem incluídas na sociedade de mercado, eu diria que este é o primeiro passo.



FOTO: TERRA PRETA PRODUÇÕES

EDIÇÃO 208 | REVISTARACA.COM.BR

MATÉRIAS

26 LUCIANO QUIRINO
30 ANOS DE TALENTO

54 LÚPUS
MAIOR INCIDÊNCIA ENTRE NEGRAS

60 DEBATE
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA



18
ANOS 90

46
TURBANTE-SE
**CAROL
BARRETO**



SEÇÕES

- 03** Opinião de Raça
- 04** Páginas Pretas
- 10** Interativa
- 12** Agenda
- 16** Livros
- 22** Dra. Katleen
- 36** Amarildo Nogueira
- 41** Carlos Machado
- 44** Beleza
- 56** Negros em Movimento
- 62** Théo Van Der Loo



30
JOYCE RIBEIRO



AME SEM LIMITES

O amor tudo vence. Vivemos por ele, para ele, em torno dele. Tudo está ligado a esse sentimento, que nos move. Falar do amor preto é necessário. Não apenas neste mês, em que se exalta os namorados, enamorados, apaixonados...

Estamos desaprendendo a amar, na essência da palavra? Joyce Ribeiro e Luciano Machado, pais de Maria Lisa e Lorena, provam que não. E nos brindam com uma gratificante lição de amor preto.

Com entrega, dedicação, resiliência, tanto quanto é possível observar no especial de beleza “Meu Bebê é 4C”. Qual mulher negra não se questionou sobre a maneira de lidar com o cabelo crespo das crianças e fazê-las se orgulhar muito dele?

É igualmente o amor que Carol Barreto nos mostra com uma aula sobre turbantes, item que revela tanto sobre ancestralidade e afeto. Da mesma forma que a professora Veronica Cook-Euell se empenha na luta por diversidade entre minorias.

Muito ou pouco, em doses intensas ou lentas, é preciso amar. Sobretudo, é essencial respeitar.

Flavia Cirino

Editora chefe

flavia.editora@revistaraca.com.br



SEGUIMOS FIRMES

Demais saber que a revista continua firme e forte. Acompanhava as edições e corria para a banca e garantia meu exemplar, quando morava em São Paulo. Vivo nos EUA há 15 anos e adorei saber que posso ter o conteúdo online.

Eduardo Oliveira Barros – Nova Iorque

Há mais de duas décadas no mercado, oferecendo prestação de serviço de excelente qualidade! Muito orgulho de vocês!

Mônica Schmid (via Instagram @monnya_schmid)

Não tenho palavras para descrever o quão incrível é o trabalho de vocês nessa revista. Muita representatividade e de certo modo abre portas a todos os jovens negros que se sentem esquecidos e calados perante ao mundo e a nossa sociedade, adorei!

Laura (Via Instagram @laurap.rates)

Irado demais! Não fazia ideia do trabalho de vocês. Parabéns de verdade!

Xaga (Via Instagram @xagafed)

CAROL BARRETO

Fico em choque com a qualidade do trabalho desenvolvido pela Carol Barreto. Comovente ver Santo Amaro nas páginas da revista.

Carla Nascimento Lira – Salvador – BA



IZA

O que foi a capa com a Iza? Representatividade importa! Muito! Talento master e orgulho maior ainda.
Angelina Castro – Belo Horizonte - MG

**

DR. HÉDIO SILVA JR.

O discernimento do jurista Hédio Jr emociona. Negros que nos orgulham!
Guilherme Pardin – Vila Velha – ES

REVISTA

RAÇA



REVISTA RAÇA



@REVISTARAÇA



@REVISTARAÇA



REVISTA RAÇA

**CADA DIA MAIS
CONECTADA A VOCÊ**



BAILE BLACK BOM

Evento disputadíssimo entre os admiradores do Charme, o Baile Black Bom volta à Zona Portuária do Rio de Janeiro. A Banda Consciência Tranquila recebe convidados e o público ainda pode curtir o som dos DJs Flash, Michell e Bruno Songs. O evento conta também com aula show do Essência Black. Embora seja gratuito e na rua, o evento tem toda a estrutura e comodidade de um festival a céu aberto. Os acessos são gradeados e com segurança, além de área vip, praça de alimentação, áreas de respiro, feira cultural, atividades interativas e bares exclusivos.

TEATRO PARA CRIANÇAS

Até o dia 16 de junho o SESC Belenzinho, em São Paulo, recebe o elenco do espetáculo infantil O Pequeno Príncipe Preto, que conta a história de um Príncipe que percorre vários planetas com a missão de plantar as sementes da empatia, amor, respeito, coletividade, generosidade e aprendizado familiar. Com diferentes linguagens, o infanto-juvenil tem texto e direção de Rodrigo França, especialista em filosofia para crianças e pesquisas relacionadas à cultura negra. No dia 26 o espetáculo chega a São João de Meriti, no Rio de Janeiro.

SERVIÇO:

Baile Black Bom
 Sexta, 28 de junho a partir das 19h
 Passeio Ernesto Nazareth - Santo Cristo
 Entrada franca

SERVIÇO:

O Pequeno Príncipe Preto
 SESC Belenzinho
 R. Padre Adelino, 1000 - Belenzinho, São Paulo
 Até 16 de Junho, sábados e domingos ao meio-dia
 Dia 26 de junho
 SESC São João de Meriti
 Automóvel Clube, 66 - Centro, São João de Meriti
 Ingressos: R\$ 20 (Inteira) / R\$ 10 (Meia)
 Classificação etária: Livre



FESTA NO TEMPLO

Completando oito anos de existência, o Bar Templo da Fé promete uma comemoração com muito samba, no dia 13 de junho. Na ocasião, Almirzinho, Marquinhos Sensação e Reinaldo se apresentarão na casa. Na abertura, o grupo Tirando Onda faz a festa.

SERVIÇO

Almirzinho, Marquinhos Sensação e Reinaldo
 Bar Templo da Fé
 Rua Guaimbé, 322 – Mooca, São Paulo/SP
 Informações: (11) 2601-1441 - Whatsapp (11) 98383-1413
 Das 21h as 03h
 Ingresso: A partir de R\$ 20



MODA PRETA

Fruto do promissor Projeto Criolice, movimento sócio cultural oriundo da Zona Oeste do Rio de Janeiro, que reúne semanalmente cerca de 3 mil pessoas, o Criolice Fashion Week, nasce com o objetivo de valorizar profissionais afroempreendedores, destacando marcas e modelos, criando oportunidades, intensificando a economia criativa, gerando renda e emprego, além de ampliar o debate de gênero, raça e ação afirmativa. No encerramento, haverá uma roda de samba Criolice e show de Reinaldo.

SERVIÇO:

Criolice Fashion Week
 Arena Carioca Fernando Torres - Parque de Madureira
 30 de junho
 Classificação etária: Livre
 Grátis

ebony
SEMIJOIAS



11 95298-2898



@ebonysemijoias



/ebonysemijoias



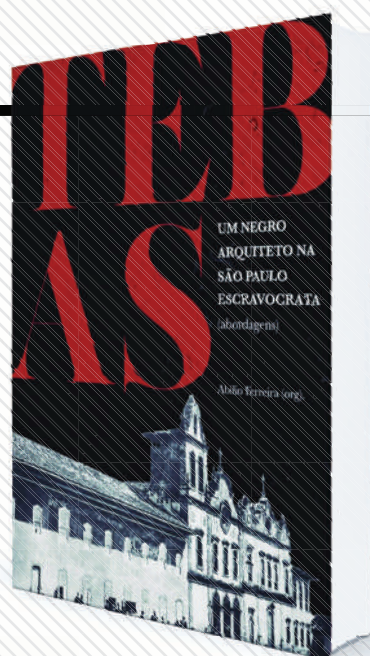
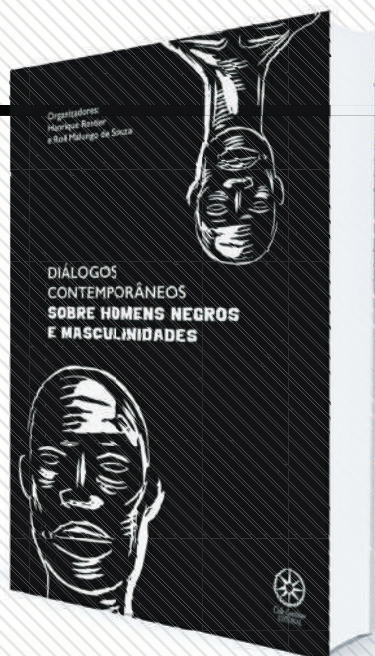
COLEÇÃO
LUXURY





COLEÇÃO
ORIXÁS





DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES

Organizadores: Henrique Restier e Rolf Malungo de Souza

É verdade que vivemos num contexto histórico em que o homem negro, especialmente o jovem, é o mais vulnerável à violência, principalmente a policial. Não é à toa que a letra de rap dos Racionais define como “sobreviventes” os que passam de vinte e poucos anos de idade. Também é verdade que o corpo do homem negro, hipersexualizado pela cultura, está sujeito à imagem deturpada da virilidade exacerbada. Então, é muito oportuno este livro, que coloca em pauta um debate difícil em nossa sociedade: qual é o lugar e o papel dos homens negros? Que possibilidades se abrem ou se fecham para eles? Os organizadores do livro reúnem um time de respeito para refletir sobre questões de masculinidades negras, o que envolve pensar sobre a adequação a modelos de virilidade, relações de poder em sua abrangência (relações com o Estado, noções de poder fazer, poder sentir), relações intra e inter-raciais, sexualidade e saúde. Para vários homens, ler sobre tais assuntos pode ser um meio de deixarem de se sentir isolados e consumidos por questões raciais e de gênero.

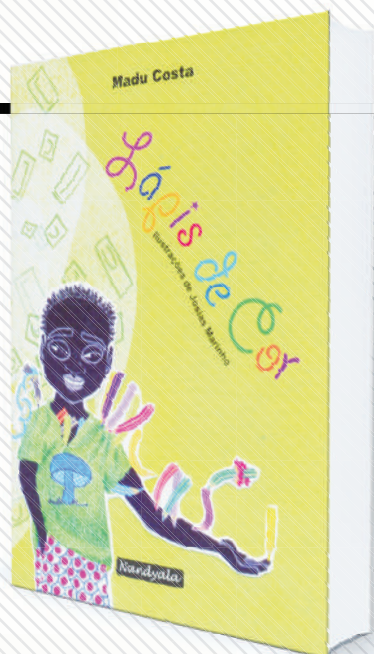
Maiores informações: www.ciclocontinuoeditorial.com

TEBAS — UM ARQUITETO NEGRO NA SÃO PAULO ESCRAVOCRATA

Organizador: Abílio Ferreira

É gratificante descobrir aspectos da nossa história que não vêm em destaque nos livros escolares. Faz bem para a nossa autoestima saber quão brilhantes alguns de nossos antepassados foram. De certa forma, isso mostra aos mais jovens que há personagens a serem recuperados e estudados, assim como nos inspira e nos motiva. Esse sentimento de que temos uma história rica a ser melhor conhecida ocorre quando começamos a ler Tebas, um livro que resgata a trajetória de um arquiteto escravizado que estava adiante de seu tempo, pois construía com pedras quando outros usavam barro. Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas, viveu em São Paulo no século XVIII e construiu a torre da Catedral da Sé, trabalhou na igreja do mosteiro de São Bento e em diversas outras obras importantes para a cidade. Tebas já havia sido tema da escola de samba Paulistano da Glória, mas Abílio Ferreira reúne textos de vários autores que constroem uma imagem mais humana do seu personagem. Considerando que ainda hoje arquitetura e engenharia são áreas em que profissionais negros e negras são poucos, é surpreendente conhecer a história desse homem que desafiou os limites de seu tempo.

Maiores informações: <http://institutoidea.org.br>



LÁPIS DE COR

Madu Costa

Luan é um menino muito contemporâneo. Joga bola, solta pipa, navega na internet para brincar com seus games, mas também para fazer pesquisas, e além disso fica antenado com as coisas que afetam o meio ambiente. Um dia, ao ver o corte de árvores em sua rua, não hesita em tentar fazer algo em relação a isso. Pega papel, lápis de cor e começa a fazer um cartaz em defesa da natureza. É aí que ele se vê num dilema. Quanto mais folhas e lápis ele gasta, mais ele vê aumentar a possibilidade de mais árvores serem consumidas. Que fazer? Para auxiliar as crianças a pensarem sobre a questão da sustentabilidade, com ilustrações de Josias Marinho, Madu Costa elabora um conflito que será resolvido com o auxílio da imaginação e da fantasia. Assim, a autora mostra que a identidade das crianças também pode ser construída junto com o estímulo para que elas tenham um olhar responsável em direção ao mundo que as cerca.

Maiores informações:

www.facebook.com/nandyalalivrariaeditora



SE A RUA BEALE FALASSE

James Baldwin

Relações familiares deveriam ser sempre construídas tendo como base afeto, amor e cumplicidade. O desejo íntimo de que as coisas deem sempre certo está presente quando se pensa em constituir uma família. Entretanto, a vida reserva surpresas que nem sempre estão sob nosso controle. Aí a luta contra as adversidades exige um esforço redobrado, exige mais amor e mais cumplicidade, exige, enfim, o melhor de cada um. É esse amor intenso que move Tish e a faz seguir em frente para provar a inocência de seu noivo, Fonny, preso injustamente. Grávida, ela acredita na inocência dele e essa crença a move. Esse livro de James Baldwin tem como paisagem o Harlem da década de 70. A história nos fala de injustiça, mas também de esperança, motivação, determinação. James Baldwin é um escritor denso, que se preocupa em analisar com detalhes seus personagens e as situações que eles enfrentam. A leitura de seus textos é sempre gratificante. O livro foi transformado em filme, o que resultou num Oscar de atriz coadjuvante para Regina King e nos faz retornar à pergunta clássica: é melhor ler o livro ou assistir ao filme? Certamente é melhor fazer os dois.

Maiores informações:

www.companhiadasletras.com.br



SAPATO: VILELA BOOTS,
VESTIDO: FOREVER 21,
CAMISETA: HERING, MEIA,
BRINCO E CHOCKER: ACERVO

por FERNANDO COSTA | fotos CASSIOTASSI

VOCÊ LEMBRA COMO ERA A MODA NOS ANOS 90? DESDE O ANO PASSADO TEMOS ACOMPANHANDO A VOLTA DESSA TREND, QUE GANHOU AINDA MAIS FORÇA COM A NOVELA “VERÃO 90”, DA REDE GLOBO. A STYLING DA AGÊNCIA DE MODELOS MAX FAMA, ANA PAULA FERNANDES, EXPLICA QUE A TENDÊNCIA DA ERA NOVENTISTA SEMPRE ESTEVE PRESENTE EM NOSSO DIA A DIA, MAS QUE AGORA DESTACA UMA PITADA AINDA MAIS COLORIDA.

“A moda dos anos 90, que pareceu ter ficado para trás, na verdade, sempre esteve entre nós. Sempre usamos jaquetas, saias, jeans, meias ¾, peças listradas e em xadrez”, lembra, Ana Paula Fernandes. “O que mudou é que as combinações daquela época voltaram com tudo e ganharam ainda mais cor. Com a novela Verão 90 no ar, pela Rede Globo, isso ficou ainda mais evidente”.

E foi inspirado na novela “Verão 90”, que fizemos esse lindo editorial em parceria com a agência de modelos Max Fama para você ficar por dentro dos looks e arrasar no dia a dia. Confira!

A MODA DOS ANOS 90 ES

CALÇA: LEVIS,
BLUSÃO DE MOLETOM: FOREVER 21
E TÊNIS CONVERSE



TÁ DE VOLTA



ACIMA: JAQUETA: CALVIN KLEIN, SAIA: FOREVER 21, CAMISETA: FOREVER 21, FAIXA DE CABELO: ACERVO, MEIA: ZARA E TÊNIS: CONVERSE
 ABAIXO A ESQUERDA: MENINO VESTE: LOOK TOTAL: LEVIS. MENINA VESTE: JAQUETA: CALVIN KLEIN, SAIA: FOREVER 21 E FAIXA DE CABELO: ACERVO
 ABAIXO A DIREITA: MENINA VESTE: SAPATO: VILELA BOOTS, VESTIDO: FOREVER 21, CAMISETA: HERING, MEIA, BRINCO E CHOCKER: ACERVO.
 MENINO VESTE: LOOK TOTAL: LEVIS E ÓCULOS: RAY-BAN.





DA DIREITA PARA A ESQUERDA:
MODELO 1: SALOPETE: FOREVER 21,
CAMISETA JEANS LISTRADA: FOREVER 21,
MEIA: LUPO E BOTA: VILELA BOOTS
MODELO 2: JAQUETA: CALVIN KLEIN, SAIA E
CAMISETA: FOREVER 21, FAIXA DE CABELO:
ACERVO, MEIA: ZARA E TÊNIS: CONVERSE.
MODELO 3: VESTIDO XADREZ: FOREVER 21,
JAQUETA: LEVIS, BOTA: VILELA BOOTS E
MEIA: LUPO
MENINO VESTE: CALÇA: LEVIS, BLUSÃO
DE MOLETOM: FOREVER 21 E TÊNIS:
CONVERSE

CRÉDITOS
MODELOS: AGÊNCIA DE MODELOS MAX FAMA (WWW.MAXFAMA.COM.BR)
STYLING: ANA PAULA FERNANDES
PRODUÇÃO DE MODA: BÁRBARA PALMITO
MAQUIAGEM: ISABELLE FREITAS
DIREÇÃO DE ARTE: WESLEY ALISSON
TRATAMENTO DE IMAGEM: CASSIO TASSI
PRODUÇÃO EXECUTIVA: PAULO HENRIQUE ALBUQUERQUE
E CLÁUDIA ZANONI / GRUPO YBRASIL
COORDENAÇÃO GERAL: FELIPE MONTEIRO

Katleen Conceição



FOTO: THIAGO BRUNO

LASER NA PELE NEGRA

Sabe aquela pele sem manchas, perfeita, que tanto admiramos? Ela é possível a qualquer pessoa! Fascinada por essa evolução na medicina dermatológica, especializei-me em laser na pele negra. É esse o processo responsável por atenuar rugas, melhorar a textura da pele, melhorar estrias, cicatrizes e olheiras

Da mesma forma que amamos e cuidamos dos cabelos crespos, afro e cacheados, devemos amar e cuidar igualmente de nossa pele, um poderoso instrumento de empoderamento.

Com muito estudo, pesquisa e testes (fazia laser em mim, me queimei, fui testando e já são 20 anos estudando isso), chegamos à excelência no tratamentos para suas principais queixas, como manchas, tanto no rosto quanto no corpo, marcas de picada de mosquito, queleide, pele ressecada, melasma. A pele mancha com mais facilidade por ter mais melanina. As pessoas não sabem que é possível fazer laser, peelings superficiais, com excelentes resultados. O laser auxilia no tratamento de rugas e flacidez, também melhora poros, textura da pele e a deixa mais homogênea.

Eu oriento o paciente e mostro quais as possibilidades de tratamento. Estrias, por exemplo. A maioria acha que não tem como melhorar, mas tem sim, o laser fracionado. Existem vários tipos: laser para depilação, laser fracionado para manchas, rugas, cicatrizes e estrias; laser para tatuagem; laser

para olheiras... todo tipo de pele é indicado, porém há restrição em pacientes grávidas. Qualquer pessoa pode fazer tratamento com laser, desde que feito por médicos dermatologistas. Até mesmo o que muitos consideram mais simples, como a depilação a laser, deve ser feita por dermatologista, pois o risco de queimadura e manchas é muito comum se não for feita de maneira correta.

Há, contudo, uma questão mais profunda envolvendo a distância do paciente negro dos consultórios. Muitos médicos brasileiros acham que paciente negro não vai gastar, não nos enxergam como consumidores. Eu sei que mesmo a pessoa mais carente irá se organizar e gastar para ter acesso a uma tecnologia mais eficaz.

Eu sou negra, todo mundo no Brasil tem essa necessidade. Um protetor solar, um gel creme, um sérum, um hidratante bem denso para o corpo. O problema é que acham que o negro não tem dinheiro para comprar... Vamos mudar esse quadro?

KATLEEN CONCEIÇÃO, Chefe do ambulatório de pele negra da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, Chefe do setor de dermatogia para pele negra do Grupo Paula Bellotti, no Rio de Janeiro, Membro da Sociedade Brasileira de Laser



TODAS E TODOS CONTRA O RACISMO

vidasnegras.nacoesunidas.org

#VidasNegras

Taís Araújo - Defensora dos Direitos das Mulheres Negras da ONU Mulheres Brasil



pele renovada

Uma das funções da vitamina A e seus derivados é manter a saúde da pele. Por exemplo, o ácido retinóico e o Retinol que combatem o envelhecimento, reduzem a pigmentação, recuperam a pele lesionada, ajudam o incremento epidérmico e incremento do colágeno, tendo como principal função a renovação celular. A Bel Col lança produtos onde o principal ingrediente é a vitamina A com a intenção de recuperar o rejuvenescimento e luminosidade da pele, tratar rugas e linhas de expressão, clarear a pele e outros

benefícios. A linha Renova refere-se a um tratamento não invasivo, com duração de 90 dias, tanto para uso pessoal e profissional. No uso pessoal, o procedimento traz três Emulsões Regeneradoras (A1, A2 e A3), cada emulsão correspondendo a um mês do programa, que deverá ser feito à noite. Recomenda-se começar pela primeira emulsão, A1, que possui uma menor concentração do Booster de Retinol, melhor para acostumar a pele com o produto, enquanto as emulsões A2 e A3 recebem quantidades maiores do

Booster, aumentando gradualmente. Antes da aplicação da emulsão, é necessário preparar a pele para receber todas as vantagens do programa, por isso, um kit com três produtos acompanham as emulsões. Trata-se de uma Espuma de Limpeza Micelar, para higienizar a pele, uma Bruma Hidratante, para auxiliar o Retinol e o fluido Soft Sérum, hidratante que prepara a pele para receber o Retinol das emulsões à noite. Para complementar, a Bel Col possui o programa profissional que se compõe

de 6 sessões, duas vezes ao mês, finalizando em 90 dias. Esse programa pode ser adquirido em um box completo para 40 sessões, que inclui um Gel Micelar, uma Bruma Hidratante, que intensifica a ação das emulsões, um Sérum Regenerador, que contém o retinol encapsulado, muito efetivo na regeneração, e a Máscara Bouncy Regeneradora, que possui pró Vitamina B5, Vitamina E, óleo de Romã e alfafa ("Retinol Like"), com a função de fortalecer a ação do Sérum.

Preço sugerido de alguns itens:

Espuma de Limpeza Micelar: R\$ 82,40

Gel Micelar: R\$52

Sérum Regenerador: R\$ 150





CORES VIVAS

Aliando qualidade e custo benefício, a Salon line apresenta ao mercado sua mais nova linha de matizadores profissionais. Os produtos são super consistentes e garantem reavivar a cor dos cabelos naturais, manter a cor da coloração dos cabelos tingidos viva por mais tempo e promover mais brilho. Nas cores preto e cobre, eles realçam, intensificam e protegem a cor dos efeitos do desbotamento, além de hidratar os fios, devido ao óleo de coco na composição. Os efeitos duram cerca de três dias, podendo variar de acordo com a saúde dos fios e a rotina de lavagem. Embora pertençam à linha Profissional da Salon Line, os produtos podem ser usados em casa.

Preço sugerido: R\$ 26,99



SOMBRAS ILUMINADAS

As sombras líquidas seguem com tudo e as gliterinadas ainda são trend da estação. A MAC decidiu criar uma versão especial batizada de Dazzleshadow Liquid, com efeito multidimensional, longa duração (promete 8h) e é megabrilhante.

Preço sugerido: R\$ 110,00

MUITO AMOR ENVOLVIDO



A Imaginarium celebra o amor com a campanha "Mil Coisas". A marca trouxe uma trilha sonora para embalar os corações dos apaixonados, na voz, versos e rimas do rapper Emicida e com a participação da cantora Drik Barbosa. As peças dialogam com a música, trazendo estampas inspiradas na letra da faixa. Essa é a primeira vez que a Imaginarium realiza uma colab na criação de vestuário, contendo dois modelos de moletoms, duas camisetas - sendo uma feminina e outra masculina - e boné. Os itens estarão à venda exclusivamente no site e nas lojas físicas da Imaginarium.

Preço Sugerido:

Boné: R\$ 89,90, **Camiseta:** 79,90

PERFIL



FOTO: DIVULGAÇÃO

Luciano Quirino:

a serviço da arte

A O COMPLETAR 30 ANOS DE PROFISSÃO, LUCIANO QUIRINO SE DESTACA EM TODOS OS MEIOS: ESTÁ NO CINEMA, NO TEATRO E NA TELEVISÃO. NO AR NA SEGUNDA TEMPORADA DA SÉRIE CARCEREIROS, EXIBIDA NA TV GLOBO, ELE TAMBÉM INTERPRETA O PAI DA PROTAGONISTA JEZABEL, NA TRAMA HOMÔNIMA DA RECORD. ALÉM DISSO, ENCANTA O PÚBLICO INFANTIL NO SERIADO “DPA - DETETIVES DO PRÉDIO AZUL”, EXIBIDO NO CANAL POR ASSINATURA GLOOB.

Quirino – que participou este ano do Festival de Cannes - estrelou recentemente o curta “Eu Preciso Dessas Palavras Escritas”, sobre o Bispo do Rosário e acabou de filmar “O Meu Preço”, cuja temática é homofobia e racismo. O ator endossa o coro de que falta espaços para a negritude.

“O racismo segue impregnado. Precisamos entender que muito ainda precisa ser conquistado por aqui, mas estamos construindo nossa história, nossa identidade. Posiciono-me com o meu trabalho, no teatro, no cinema e na televisão. Exercitar o meu ofício é o que me satisfaz e sou um cara privilegiado. Vivo da minha profissão, mas sei que falta muita coisa. Falta conquistarmos mais espaço no mercado audiovisual, falta conquistarmos uma escalação independente da nossa cor e raça. Falta reconhecimento de um trabalho feito com zelo, preparação e determinação. Falta educação. Falta um país mais digno.”

Natural de Santos, no litoral de São Paulo, embora acumule vários grandes trabalhos, o ator admite ainda não ter feito o grande papel de sua vida.

“Os altos e baixos da profissão não me abalam. Tenho uma imobiliária e ganho a vida também como corretor de imóveis. Mas ainda busco um grande papel”.

Desmitificando o Piebaldismo

por FLAVIA CIRINO

NO ANO PASSADO, O NASCIMENTO DE UMA MENININHA BRANCA COM UMA MECHA DE CABELO

DESPIGMENTADA, GANHOU DESTAQUE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO. EM UM PISCAR DE OLHOS VIRALIZARAM AS LINDAS FOTOS DE UM ENSAIO FOTOGRÁFICO COM A FOFA CRIANÇA MINEIRA.

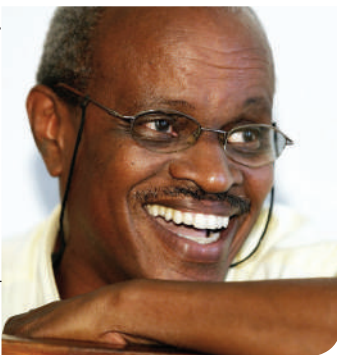
O fato não aconteceu igualmente, contudo, com Samuel Purificação Silva, portador da mesma alteração genética. Desde seu nascimento, foi algo de olhares nada sensatos. Negro, nascido na comunidade de Vila Pedrinhas, em Salvador, ele também é portador de Piebaldismo, uma condição genética que consiste em uma despigmentação persistente e estável no cabelo e na pele do corpo, desde o momento do nascimento. Geralmente os portadores têm uma mecha branca de cabelo, no meio da cabeça, que continua ao longo da testa em forma de mancha triangular.



Alvo de bullying e discriminação por sua estética, Samuel, de 5 anos de idade, se redescobriu. Chamado para participar de um ensaio fotográfico com o tema “Condições da Pele”, o menino se destacou e chamou a atenção de uma agência de modelos infantis, em Barcelona, na Espanha.

A despigmentação se manifesta no rosto, tronco e membros, criando formas de manchas irregulares pelo corpo todo. A condição não traz grandes riscos à saúde, mas é necessário redobrar os cuidados relacionados à proteção e à exposição solar, já que o piebaldismo é um “defeito” da pigmentação cutânea, que impede o bronzeamento. Quem tem a doença deve se proteger em áreas de sombra, com bonés e portetor solar.

Atualmente, na era da tecnologia e avanço das redes sociais, portadores de Piebaldismo deixaram de se esconder e passaram a mostrar que tem beleza peculiar, que também encanta.



Zulu Araújo

FAMÍLIA NEGRA NO BRASIL

O tema “*Família negra no Brasil*”, tem sido algo difícil, complexo e cheio de armadilhas para qualquer um que pretenda ir além dos cânones conservadores.

De qualquer ângulo, remete ao conceito original da família ocidental cristã, de como ele foi introduzido, negociado e adaptado no período escravocrata brasileiro e quais as consequências que essa adaptação produziu na formação da família tradicional brasileira e, em particular, da família negra.

Na Roma Antiga, família significava “o conjunto de empregados de um senhor”, até porque àquela época a exploração dos escravos era algo legalizado.

Como a escravidão no Brasil foi liderada, organizada e exercitada por europeus católicos, deduz-se que não houve de adaptar interesses econômicos provenientes do regime escravocrata, aos conceitos sociais e religiosos de família, no padrão católico, apostólico romano, que era constituída do casal (homem/mulher), sob a liderança masculina e os seus filhos, considerados a base estrutural da sociedade brasileira, até os dias atuais.

A vida da família negra no Brasil está diretamente associada a resistência ao sistema escravista de um lado e a busca de enquadramento social/religioso de outro. Não à toa que são identificadas neste período inúmeras fugas realizadas pelos escravizados “casados”, “amásios”, “mulheres negras grávidas”, “as vésperas de parir” e muitas vezes, levando consigo nestas fugas filhos ainda pequenos. Tratando-se ou não de famílias constituídas de forma consensual, nuclear ou parcial, a experiência da vida familiar foi importante para os negros, mesmo no período da escravidão.

Diante de tanta barbaridade da escravidão, quem perseverou e resistiu na busca e na manutenção das estruturas familiares foi a mulher negra. Mesmo depois de violentada, usada e abandonada a própria sorte, para que cumprisse apenas o papel de reprodutora de uma futura prole de escravizados, conseguiu estabelecer laços de fraternidade, importante em tempos em que a solidariedade e o amparo mútuo eram elementos indispensáveis para a conquista da liberdade e uma vida com alguma dignidade.

Apesar da maioria dos negros/negras terem vividos em uniões consideradas “ilegítimas”, pelo fato da não realização do casamento católico, a comunidade negra encontrou, principalmente nos terreiros de candomblés, as autoridades para favorecer os romances, as conquistas amorosas e legitimar as uniões matrimoniais dentro de uma concepção afro-brasileira. Isso demonstra que, mesmo tratada como mera peça de uma engrenagem econômica, a comunidade negra brasileira interagiu, negociou, se contrapôs e até se submeteu ao sistema para fazer valer suas aspirações maiores de seres humanos e constituírem seus núcleos familiares.

Novos desafios se apresentam. Família não é mais nem a celebração do casamento nem a diferença de sexo entre os pares, muito menos o envolvimento de caráter sexual. O elemento que distingue, até mesmo aos olhos da justiça é a presença de um vínculo afetivo a unir as pessoas com identidade de projetos de vida e propósitos comuns, gerando comprometimento mútuo. Que assim seja.

Toca a zabumba que a terra é nossa.

ZULU ARAÚJO, Presidente da Fundação Pedro Calmon (FPC), vinculada da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, graduado em Arquitetura e Urbanismo e Mestrando em Cultura e Desenvolvimento pela UFBA

APRENDENDO O VERBO AMAR...



Casados há 18 anos,
Joyce Ribeiro
e Luciano Silva
ênfatizam a
representatividade
do amor preto

por FLAVIA CIRINO

fotos WESLEY ALISSON/GRUPO YBRASIL

RESPONSABILIDADE AFETIVA. AMOR ROMÂNTICO. RELACIONAMENTO. AMOR PRETO! NO MÊS EM QUE SE COMEMORA O AMOR, A RAÇA DESTACA UMA GENUÍNA FAMÍLIA PRETA. REPLETA DE E CONDUZIDA POR AMOR.

“Amor” é coletivo e parte da filosofia UBUNTU: eu sou porque nós somos. O amor preto acredita na construção de um relacionamento, onde todos os lados envolvidos têm de estar dispostos a assumirem as consequências de seus atos. Passar adiante a essência preta, baseada em verdade, representatividade e escolhas, é a opção deste casal. Pais de Maria Luísa e Lorena, de seis e quatro anos respectivamente, Joyce Ribeiro e Luciano Silva expressam todo o seu amor na entrevista a seguir.

RAÇA: Discutir colorismo dentro das relações amorosas também faz parte das responsabilidades afetivas e isso não deve estar restrito aos padrões que nos ensinaram. Amor preto, amor wakanda, amor inter-racial. O que vale?

JR: Acredito realmente que o amor não tem cor. As pessoas estão aí, vivendo, conhecendo-se. Podem e têm o direito de se apaixonar livremente. Essa também é uma conquista. Temos que entender e valorizar as coisas, não é condenar o amor inter-racial, isso é impensável. Não podemos tentar explicar um erro com outro. Não é com extremismo. O amor é livre. As pessoas podem se amar da maneira que elas queiram. Mas eu e Luciano viemos de uma geração que sempre teve esse ranço da exclusão da mulher negra. Cresci sob essa pressão de que a mulher negra não é desejada. Não se via beleza, tudo era feio. Da mesma forma que a gente não pode condenar o amor inter-racial, não podemos achar normal um homem negro só ver beleza naquilo que é o oposto. Temos que nos fortalecer, acreditar que o amor entre nós também é possível, como todas as outras formas de amor. É tão preconceituoso condenar o amor inter-racial, quanto achar que o homem nunca vai se relacionar com uma mulher negra porque não existe amor entre negros. O desenrolar da humanidade já nos deu artifícios para botarmos algumas coisas na balança

e transformarmos comportamentos. Só vamos mudar o mundo se, efetivamente, estivermos dispostos a essa transformação. É abrir o olhar. Os homens negros não têm que se condenar, autopunir-se, porque só gostava de mulheres brancas e agora mudou. A nova geração não tem essas amarras. Minhas filhas estão sendo criadas com outro pensamento, outra vivência, vendo a mãe e os familiares conquistando e lutando. Aí entra a questão da representatividade. Cresci vendo tudo que era exemplo positivo sendo branco e isso tem o seu impacto.

RAÇA: Por muito tempo tivemos o estereótipo da Xuxa com Pelé...

JR: Muito que se propagou e virou a marca, o negão com a loira. Não deve ser dessa forma, o “eu consegui, eu sou aceito, eu sou bem posicionado, eu tenho mulher branca”. É arcaico! Fico feliz em ver esse movimento além da aceitação das meninas. Elas estão mais fortalecidas. Quem não me ama, não me merece, problema é dele, vou achar alguém que me mereça. E os meninos também estão abrindo o olhar, eu vejo essa percepção dos adolescentes de hoje, tipo “eu estou aqui com a minha namorada, que eu escolhi, que é negra e que eu gosto, é com ela que terei nossa família preta e vai ser tudo lindo sim porque eu posso e eu quero”.

RAÇA: Diante do atual quadro político e social, como é ser mãe de duas meninas negras e como passar para elas essa importância da representatividade?

JR: Lembro da criança que eu fui e da criação que eu tive. Os desafios e as barreiras que precisei enfrentar e que elas não enfrentarão. Em parte, porque temos forçado essa transformação do mundo e, por um outro lado, porque eu e o meu marido temos treinado as meninas para que tenham posicionamento diferente do que tivemos frente aos problemas. O mundo vem se transformando a passos lentos, porque é assim que infelizmente as coisas acontecem. Mas eu também acredito que a nossa consciência, as pessoas da minha geração, é fazer com que as crianças tenham um comportamento diferente. Elas vão enfrentar o racismo, as dificuldades vão aparecer, mas o posicionamento delas será determinante para o desenrolar. Essas crianças merecem olhar pro futuro vislumbrando coisas que a gente não pode. Elas merecem, é o direito delas. E as crianças brancas também merecem ser educadas com outro posicionamento, sem influência dos padrões preconceituosos que formaram a minha geração e as que vieram antes. A nossa ação é espelho do que elas vão fazer futuramente. Sabemos o que deu errado, o que precisa mudar. Uma das nossas missões é programar a linguagem bem atual, é programar crianças negras e brancas com uma nova mentalidade.

RAÇA: Quais as características básicas dessa nova infância?

JR: Elas são muito mais seguras, mais sociáveis do que eu fui. As duas adoram o cabelinho delas. Ao arrumar pra sair pra algum lugar elas pedem: “mamãe, pra cima pra cima!” Elas querem grande, entende? Eu, na idade delas, se meu cabelo não estivesse muito bem preso, eu não saía de casa. Lembro que quando a minha mãe estava penteando meu cabelo, na minha casa, a minha preocupação é que ninguém chegasse senão eu saía correndo, era a morte alguém me olhar

com cabelo sendo feito. Para elas, quanto mais, melhor. Quanto mais black, quanto mais pra cima, elas pedem “eu quero pum pum”, aquela coisinha fofa, durinha. E temos a possibilidade de falar mais abertamente sobre os problemas. Houve uma situação na escola da Malu. Um amiguinho falou que a mão dela só era branca na parte de baixo, e perguntou o porquê dela ter só a palma da mão branca e o resto era tudo preto. Conversamos muito com ela. Você não é pretinha mesmo? Você tem que falar pra ele: “sim, o meu corpo é todo pretinho porque a minha família é negra, a sua é diferente e a do outro amiguinho é diferente”. Se for algo que incomode a criança, a gente chega na escola em dois minutos, eu e o Luciano. Queremos entender o que está acontecendo e conseguimos muita coisa na escola pelo nosso olhar atento e a intervenção no momento. Não pode deixar crescer, não deixar virar outras coisas. Uma hora as crianças vão entender que as pessoas são diferentes, que isso não é problema.

RAÇA: Deixar de responder gera incertezas...

JR: Começar a criar, dá espaço e brecha pra que aquilo cresça. Precisamos fomentar isso nelas, o posicionamento, amar-se. Você é linda, seu cabelo é lindo e se alguém estiver falando uma coisa diferente, o problema é dele.

RAÇA: Sua primogênita, Malu, diz que quer ser dentista. A caçulinha, Lorena, quer ser uma banana...

JR: Lorena ainda está sendo criança, ainda está viajando (risos). Meu irmão do meio é dentista e Malu é toda poética, sabe, fala muito isso mesmo que quer ser dentista. Tem um desenho animado de que a criança gosta atualmente, que se passa em Paris, na França e ela fala em casa: “ah, eu quero tal coisa quando a gente for pra Paris”. Algo impensável na nossa época, a gente não sonhava determinadas coisas. Ela vê o desenho, aprende várias coisas e comenta sobre a Torre Eiffel, a galeria não sei o quê... Outro dia a personagem estava na Itália, e aí Malu falou pro pai que queria ir para a Itália porque lá tem um monte de comida diferente. Ela sabe que ela pode e ela vai! Temos que incentivar isso nela. Que legal, você quer? Maravilhoso! É só estudar, trabalhar bastante para ter a profissão que você fala que quer ter hoje e, se quiser ser outra coisa, também é legal, mas precisa trabalhar e sonhar com as coisas. Nós tínhamos um peso, uma limitação.

RAÇA: O não poder desejar...

JR: Quer coisa mais sofrida do que não poder querer? É cruel. Todo mundo pode querer qualquer coisa em que se vire trabalhando honestamente pra conseguir. Essa liberdade delas me encanta. Sinto que o olhar das crianças vem menos carregado do racismo. Temos dado passos iniciais importantes na





valorização da diversidade. As crianças precisam de um lugar para adquirir conhecimento. E é na escola, é lá que a diversidade é sua. Meu amigo é completamente diferente de mim, esse tem família oriental, eu vou na casa dele comer sushi, e ele vai na minha casa conhecer a minha cultura do meu vô, da minha vô, e vô dele oriental vai sentar com meu vô e vão conversar, e vai ser demais a festinha e aquela mistura porque o Brasil é isso. Viver a diversidade é uma conquista nossa e temos que celebrar isso. Estamos aprendendo agora. Ainda bem.

RAÇA: É um avanço e tanto e emociona. Como você se vê diante dessa mudança de comportamento?

JR: Fico muito feliz assim. Fui uma criança muito introvertida. Ser jornalista, trabalhar na Comunicação foi uma surpresa. Meus familiares sabem que eu era muito pra dentro, muito fechada.

RAÇA: O que você almejava?

JR: Embora tenha sido muito tímida, via televisão e me encantava com as poucas referências que tinha: Glória Maria, Zileide Silva e Dulcineia. Eu adorava aquilo. A Glória Maria foi uma inspiração, óbvio. Aquelas viagens sensacionais que ela fazia me enchia os olhos, eu pirava com aquilo, eu falava: “meu Deus,



se eu puder fazer algo parecido, já valeu”. E aí na hora de escolher, pensei prestar Direito porque eu achava que poderia ser mais seguro, por não me enxergar fazendo o que eu queria. Meu desejo era o vídeo desde o começo, era mais restrito do que é hoje. Fiquei entre essas duas carreiras belíssimas. Faria uma graduação em Direito. Mas fui para aquilo que o coração batia.

RAÇA: Qual o maior desafio que você acredita que enfrentará, como mãe de duas meninas negras?

JR: Meu papel tem que ser incisivo como para todas as mães. Primeiro, a questão da orientação para se evitar uma gravidez indesejada. Sei que vai chegar o momento em que o meu papel como mãe vai ser determinante nessa consciência delas. No passado o problema era ter relação sexual antes de casar. Hoje orientamos que as meninas tenham relação no momento em que elas queiram e se protejam não só quanto à gravidez, mais em relação a todas as doenças. Quero que minhas filhas sejam mulheres conscientes e responsáveis das ações delas. É preciso estar feliz, completa. Eu as crio para que tenham vida sem amarras, que se realizem profissionalmente, se



for da vontade delas, que casem, se não for, não casem, se for da vontade que tenham filhos, se não for que não tenham, mas que elas tenham consciência de que a escolha está dentro da cabeça delas. Algo que tem me deixado muito assustada é a violência contra as mulheres. Vemos mulheres de todas as classes aceitando situações extremas de agressão, não consigo entender. Temos que formar mulheres seguras para dizerem sim ou não diante de um relacionamento que não está caminhando para o lugar certo, e tem que ser bem no início. Vejo meninas novas nisso e sempre que eu posso converso com quem me procura. Qual é o papel dessa mãe e desse pai que, muitas vezes, não tomam nem conhecimento de que isso está acontecendo? Nosso olhar é diferente como tudo se transforma no mundo. O pai e a mãe hoje precisam ter um olhar e preocupações que não eram tão relevantes no passado.

RAÇA: A Joyce criança vislumbrava um dia ter uma família, ser mãe?

JR: Nunca pensei que teria. Não fui uma jovenzinha que pensou em casar, em ter filhos. Isso tudo pra mim é uma surpresa, emocionante surpresa. Cresci na era do “isso não é pra mim”, criei-me para ser só e isso é triste... eu sempre achei que eu seria sozinha na vida.

PALAVRA DE HOMEM

RAÇA: Marido e pai, numa família preta. Amor preto em questão. Como avalia?

Luciano Silva: Fui uma criança muito desejada pelos meus pais e a minha mãe me quis para ela. É uma figura forte e muito firme como são as mulheres negras que trazem a ancestralidade e que sempre teve muita habilidade, apesar de não ter estudado tanto, inicialmente, mas sempre teve muita habilidade com a questão do racismo. Ela nunca deixou passar batido. Sempre resolveu, quer tendo que ir na escola ou pensando no lugar em que a gente morava. Sendo esse filho criado dessa forma, com muito cuidado, eu sempre quis ser pai. Sempre quis ter filho. Hoje a gente ouve muito falar na questão da família negra, dos casais afrocentrados, mas a minha questão era ter uma pessoa que tivesse a mesma habilidade da minha mãe com os meus filhos. Eu queria uma mulher, uma esposa, casar e ter filhos. Desde os 13 anos eu queria casar e ter filhos. E queria alguém que tivesse a mesma capacidade que minha mãe teve comigo. Eu tive obesidade infantil. Eu era baixo, gordo e negro. Esse negócio que falam de bullying, inventaram comigo lá atrás. E nesse ponto minha mãe também foi fundamental. Fiz tratamento contra as doenças da obesidade e com 14 anos eu já era do tamanho que eu tenho hoje, 1,85m. Essa referência da minha mãe era muito importante. Eu imaginava uma pessoa para ser a mãe das minhas filhas. Quando eu conheci a Joyce, pensei: “espero que ela se interesse por mim também”. No primeiro dia, perguntei pra ela qual era o seu sonho e ela me respondeu da seguinte forma: “você vai me achar louca, mas meu sonho é fazer TV, apresentando o telejornal”.

MINHAS FILHAS ADORAM O CABELINHO DELAS. AO ARRUMAR PRA SAIR PRA ALGUM LUGAR ELAS PEDEM: “MAMÃE, PRA CIMA PRA CIMA!” EU, NA IDADE DELAS, SE MEU CABELO NÃO ESTIVESSE MUITO BEM PRESO, EU NÃO SAÍA DE CASA.

RAÇA: E como tem sido a convivência com essas negras tão singulares?

LS: Tenho cinco sobrinhas mais velhas que minhas filhas. Sempre tive essa proximidade com as meninas, facilidade de cuidar delas num país preconceituoso, machista. Tentamos o tempo inteiro possibilitar que as meninas tenham condições de ser o que elas quiserem. Essa é uma frase que é muito dita em casa: “você está sendo criada pra ser o que você quiser, você pode fazer qualquer coisa que você queiram e ninguém pode fazer vocês menores do que vocês são a menos que vocês permitam”. O dia a dia é complexo, mas eu vejo que existe uma geração diferente do que eu vivi, do que a Joyce relata que viveu na infância dela. A Maria Luísa é muito solicitada dentro do meio dela. É uma criança que tem muita alternativa diferente do que nós tínhamos, eu sempre me senti excluído das coisas principais a se fazer, das festinhas. Ela, não. E isso nos deixa felizes e com a perspectiva de que estamos no caminho certo. Ser pai de menina é uma bênção. A Joyce tem várias tias na casa dos 90 anos de idade. É muito fácil imaginar que as avós dessas tias viveram a escravidão. A ancestralidade é muito próxima e essa energia dessas mulheres, a força dessas mulheres, as famílias que elas montaram, nos traz muita referência. Meus pais completaram 25 anos de casados e é o que eu espero pra minha família, ter essa referência. Fomos criados de forma muito unida. O coletivo acontece a partir da família, e aí a gente multiplica isso. Em suma, sou um cara que sempre quis ser pai e que enxerga essa oportunidade de criar essas meninas para mudar a história da mulher negra. É uma oportunidade e agradeço a vida todos os dias por isso.

RAÇA: Você destacou que a sua busca era por uma mulher que lhe desse o mesmo orgulho que sua mãe deu na criação, independente da cor. Qual a sua postura em relação ao amor inter-racial?

LS: Vejo isso como uma coisa muito nova. Para o homem numa geração anterior à minha, o sucesso dele estava ligado a uma mulher branca, eu vejo dessa forma eu enxergo quando eu olho para as pessoas que estão à minha volta. Perdeu-se muito de tudo, de toda a beleza, de toda a estrutura e de toda a força que uma mulher negra pode trazer. Vivo isso diariamente quando a Joyce me fala do sonho dela no primeiro dia em que nós nos conhecemos, um sonho tão grandioso e aqui, quase vinte anos depois, estamos vivendo esse sonho. Não é só a questão do amor negro, é ter a empatia da pessoa, saber exatamente qual é a sua dificuldade. Sou engenheiro civil; quando a conheci, ela sabia que o meu sonho era trabalhar numa grande empresa do ramo. Consegui e não sei se eu conseguiria se ela não estivesse do meu lado fazendo a luta. Quando você está com alguém que não sabe exatamente o que você passa, essa pessoa vai sempre te questionar. Nunca nos questionamos, ao longo desses anos. Sabemos ler o olhar, entender a palavra. Não foi algo pensado. Recentemente assisti ao stand-up do Yuri Marçal, e ele fala de coisas que para mim, um homem de quarenta anos, é algo recente como palmitismo, que é uma coisa que da minha geração pra trás não se pensava. A ideia de rever o padrão de beleza, rever o que é necessário para um homem negro é importantíssimo. A mulher negra é o que existe de mais incrível no Brasil e por muito tempo se perdeu. E por força dessa própria mulher, estamos resgatando. Sou privilegiado de ter vivido isso no momento que não tinha essa onda. Vejo que esse afrocentrismo de que se fala hoje em dia é fundamental para sairmos do lugar onde sempre estivemos, poder ascender.

FICHA TÉCNICA

STYLING: ANA PAULA FERNANDES
PRODUÇÃO DE MODA: ARIELLY OLIVEIRA
HAIR: SALÃO PRETA BRASILEIRA
MAQUIAGEM: JOYCE - CAROL ALMEIDA PRADA / CRIANÇAS - BEATRIZ VERONEZZI
TRATAMENTO DE IMAGEM: FERNANDO DA COSTA ARAÚJO
PRODUÇÃO EXECUTIVA: PAULO HENRIQUE ALBUQUERQUE E CLÁUDIA ZANONI / GRUPO YBRASIL
COORDENAÇÃO GERAL: FELIPE MONTEIRO
ESTÚDIO: GRUPO YBRASIL



Amarildo Nogueira
www.amarildonogueira.com.br



FOTO: DIVULGAÇÃO

FAMÍLIA QUILOMBO

Pesquisei em vários canais no YouTube aqui no Brasil. O único que retrata o dia-a-dia de família preta é o canal Família Quilombo. O nome surgiu por conta da forma de ver e levar a vida em família. Com alegria, sabedoria, amor e boas dicas para as famílias negras em várias situações cotidianas, desta forma tem aumentado o número de seguidores.

Inicialmente chamado de Família Nutela, representava um contraponto ao modelo hegemônico de família retratado nos comerciais de margarina. Porém, com a ampliação do número de famílias que passaram a segui-los, perceberam que Tirava o foco do que desejavam. Repensaram e a alteração trouxe um sentido mais profundo para a representação da família preta: afeto, cuidado, proteção, resistência e, sobretudo, uma Família Quilombo!

Composta por Josimar Silveira, 39 anos, pedagogo, metroviário, criador de conteúdo digital, com experiência em formação de professores/as e ações educativas em matéria de paternidade e educação antirracista; a mãe Adriana Arcebispo, 40 anos, pós-graduada em Gestão de Pessoas, assistente social do INSS, criadora de conteúdo digital, experiência em ações educativas em matéria de educação antirracista, maternidade e Previdência Social e os filhos Akins, 07 anos, estudante e Dandara, 03 anos, estudante, os inscritos no canal vêm aumentando.

O canal Família Quilombo foi idealizado pelo casal, que junto aos filhos usam as redes sociais para tratar de afetividade, criação e relações familiares a partir de sua experiência de família preta. O resultado é um conteúdo que contribui para a naturalização desta imagem de família, negada e desincentivada cotidianamente.

A Família Quilombo sabe que possui muitos desafios como família preta, desde não sucumbir diante das dores diárias do racismo até educar crianças numa

sociedade que nos invisibiliza, rejeita e mata. É desafiador olhar para o Akins e saber que ele tem 70% a mais de chance de não sobreviver na juventude, olhar para nossa Dandara e saber que seu corpo é visto de forma hipersexualizada e que, sendo base da pirâmide social, provavelmente terá menos oportunidades nesta estrutura racista e machista na qual estamos imersos. Proteger, ofertar dados de realidade e ao mesmo tempo permitir que ambos cresçam felizes e capazes de sonhar é um desafio enfrentado diariamente, com coragem, afeto e ternura, comenta a mãe Adriana.

“Valorizem, fortaleçam e protagonizem novas narrativas sobre a família preta. Não somos a única forma de amor, mas somos o amor que a História tentou destruir, temos raízes e resistiremos”, pregam.

Acesse as redes sociais e siga esta família preta que tem influenciado de forma muito positiva as famílias de todo Brasil!



RAÇA S NA TV

O PROGRAMA É UMA TRIBUNA DO DIREITO À IGUALDADE RACIAL, APRESENTADO PELO JORNALISTA, CARTUNISTA E ESCRITOR MAURÍCIO PESTANA, NO QUAL TODA SEMANA SÃO ABORDADOS TEMAS COMO CULTURA, MODA, EMPREENDEDORISMO, POLÍTICA E MUITO MAIS.

O PROGRAMA RAÇA NA TV É EXIBIDO TODA SEGUNDA-FERIA, ÀS 23H, NO CANAL 03 DA NET, EM GUARULHOS.



TV GUARULHOS



A POLÊMICA NOTA DE 20 DÓLARES

Imagem de abolicionista escolhida em 2016 para estampar a cédula só deve ocupar o espaço em 2028

ABRIL DE 2016. UM FUNCIONÁRIO DO DEPARTAMENTO DO TESOIRO INFORMOU QUE O RETRATO DA EX-ESCRAVA HARRIET TUBMAN SUBSTITUIRIA O DE ANDREW JACKSON, EX-PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS E, NA ÉPOCA, DONO DE ESCRAVOS, QUE DESDE 1928 TEM SUA IMAGEM ESTAMPADA NA CÉDULA. SERIA A PRIMEIRA VEZ QUE UMA MULHER NEGRA ESTARIA NA MOEDA AMERICANA. A ESCOLHA SE DEU POR MEIO DE UMA ENQUETE REALIZADA DURANTE O GOVERNO DE BARACK OBAMA.

Na época, o então secretário do Tesouro Jacob Lew afirmou que a ativista negra era “não apenas uma figura histórica, mas também um modelo de liderança e participação na democracia”.

Tubman, que combateu a escravidão no século XIX, apareceria na parte da frente da popular nota de 20 dólares. Para que a mudança se concretizasse, no entanto, seria preciso esperar mais de uma década devido à necessidade de adequar a maquinaria do Escritório de Impressão e Gravura onde são produzidos os dólares e superar os testes de segurança.

Maio de 2019. O novo desenho da nota de US\$ 20 estava previsto para entrar em vigor no ano que vem, mas o secretário de Tesouro dos Estados Unidos afirmou que será adiado até 2028. Explicou apenas que a prioridade no redesenho são “as questões de falsificação”, e por isso “a nova nota de US\$ 20 não virá antes de 2028”. Mnuchin afirmou, porém, que antes disso o Tesouro americano vai lançar novas notas de US\$ 10 e US\$ 50. Ele não quis comentar se concordava ou não com a imagem de Tubman na nota.

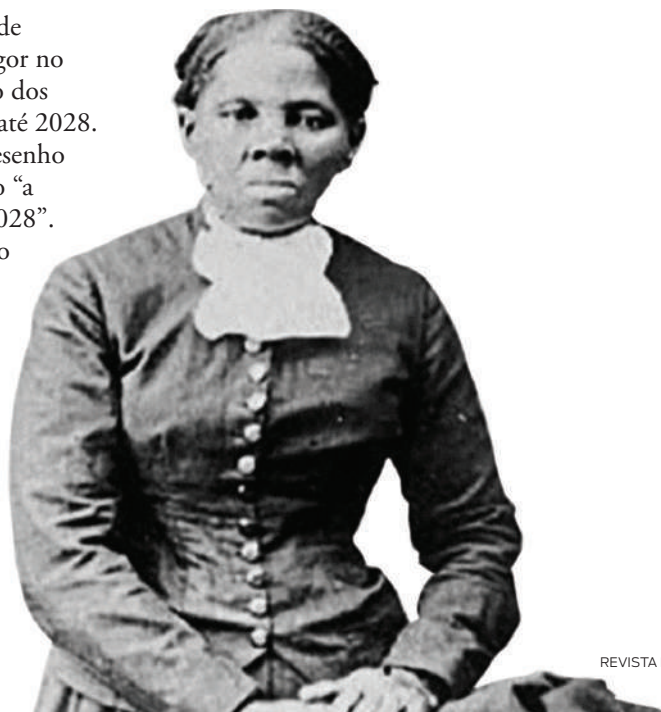
Em sua campanha eleitoral, Donald Trump expressou admiração pelo ex-presidente Andrew Jackson e afirmou que o plano de o substituir por Tubman era algo “puramente politicamente correto”, sugerindo que a ativista - que



chamou de “fantástica” - fosse retratada na nota de US\$ 2, que não está mais em circulação.

Nascida escrava em 1822, fugiu em 1849 e passou a organizar redes de resgate de escravos. Durante a Guerra Civil americana (1861-1865) atuou com o exército da União. Tornou-se uma figura humanitária. Arrecadou dinheiro para abrir escolas para afro-americanos e fez discursos sobre os direitos femininos. Tubman morreu em 1913, aos 91 anos.

Ela será a primeira mulher a aparecer em notas de dólares americanos em mais de um século. Antes dela, figuraram nas notas a ex-primeira-dama Martha Washington, que ilustrou a de US\$ 1 entre 1891 e 1896, e a indígena Pocahontas, que era uma das pessoas retratadas em uma cena que ilustrou a nota de US\$ 20 entre 1865 e 1869.





REPRESENTATIVIDADE PARA AS CRIANÇAS NEGRAS

por FLAVIA CIRINO

CRIANÇAS NEGRAS EM FASE ESCOLAR SEMPRE SE DEPARARAM COM A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE NAS MOCHILAS, ITEM TÃO DISPUTADO E BADALADO NAS ESCOLAS E CRECHES. ATENTA A ESSA LACUNA, GEISA ANTUNES - FILHA DE MÃE NEGRA E PAI INDÍGENA - APROVEITOU PARA EMPREENDER.

“Há uma dificuldade imensa para encontrar produtos para nossas crianças negras, principalmente brinquedos. Nunca gostei da ideia de sempre que fosse procurar um presente para dar à minha filha, deslocar-me até a loja e ter fileiras e mais fileiras de produtos diversos para crianças não negras, e para crianças negras ter apenas três produtos no meio daquela imensidão de brinquedos de cor branca. Nossas crianças também precisam se ver ali representadas. Sempre quis fazer algo para transformar essa realidade e oferecer ferramentas que auxiliassem na construção de identidade.

Ela fazia estágio em pedagogia em uma pré-escola em Sorocaba (SP) quando teve a ideia de criar mochilas.

“Na turma havia apenas uma criança negra. Fiz a minha primeira mochila e levei para mostrar à professora responsável. A aluna viu, parou tudo o que estava fazendo e disse com os olhos que brilhavam muito: ‘Tia! Ela se parece muito comigo, eu quero uma dessa’. Tive que guardar a mochila porque ela só queria passar a mão nos cabelos da boneca, por se parecer muito com os que ela usa.”

Geisa planejou seu empreendimento por seis meses e investiu seu salário, de R\$ 550, para fazer as primeiras mochilas. Recebeu vários retornos positivos e pedidos de reforço identitário étnico-racial e de autoestima. Para sua surpresa, o negócio prosperou rapidamente.

“A maior dificuldade que tivemos foi atender a todos em um prazo tão curto, pois não esperávamos essa repercussão tão rapidamente. Persistimos e vencemos esse desafio.”

As mochilas se destacam com estampas de meninas negras para promover representatividade com diferentes personagens e penteados com cabelos de fios sintéticos, desde tranças até mairias-chiquinhas. A nova coleção, já em fase de produção, destacará também meninos e crianças com vitiligo.

Melanin, nome escolhido para a marca, não foi por acaso: em inglês, significa melanina. Atualmente Geisa produz em média 200 mochilas ao mês. Ela participa atentamente de todo o processo e conta ainda com cinco colaboradores, além de amparo jurídico.



Carlos Machado / GyasiKweisi

PSICOLOGIA É COISA DE PRETO

Ciência do comportamento e da mente, incluindo os fenômenos conscientes e inconscientes, assim como o sentimento e o pensamento, a palavra latina *psychologia* foi usada pela primeira vez pelo humanista croata e latinista Marko Marulić no final do século 15 ou início do século 16. A mais antiga referência conhecida à palavra psicologia em inglês foi de Steven Blankaart em 1694 em *The Physical Dictionary*, que se refere a “Anatomia, que trata do Corpo e Psicologia, que trata da Alma”.

Mas antes de existir a palavra latina, o estudo da mente humana era uma preocupação negra africana. A civilização kemética tinha um entendimento avançado de psicologia em relação a outras culturas do seu tempo. A psicologia kemética era muito influenciada pela espiritualidade. Hieróglifos (originalmente *Medu Neter*, que significa escrita sagrada) keméticos antigos falam do eu como tendo cinco partes: Ren, nome que uma pessoa recebe no nascimento, usado para manter uma pessoa viva após a morte; Ba, a parte do eu que mais continha as manifestações pessoais de uma pessoa, enquanto o Sheut era a sombra, que representava a parte real, mas invisível do ser; Ka, a essência da vida da pessoa e energia enquanto ele ou ela vivia. Isso também poderia ser reanimado em um espírito ou corpo após a morte chamado de Akh. A parte mais importante da alma egípcia era o Ib ou coração metafísico, concebido como uma gota do coração da mãe para a criança durante a concepção. O Ib era o centro emocional e cognitivo de uma pessoa. Após a morte, era pesado e julgado pelo deus Anúbis o senhor da morte. Os antigos keméticos acreditavam que acabariam por se encontrar com esses deuses após a morte. Os antigos keméticos também tinham uma compreensão bastante avançada da fisiologia humana, em geral devido às dissecações que faziam parte de sua mumificação e outros rituais funerários. Enquanto o Ib, o coração, geralmente era considerado o centro emocional e cognitivo da vida devido às conexões arteriais com todas as outras partes do corpo, Kemet foi a primeira civilização a descrever o cérebro como um centro cognitivo. Chegaram a conhecer um número

elevado de diagnósticos e a prescrever muitos tratamentos e alcançaram desenvolvimentos na abordagem do doente neurotraumatológico.

Praticaram a anamnese, o prognóstico e uma cirurgia metódica que raramente incluía a remota trepanação (técnica de abertura de um ou mais buracos no crânio). Sob o ponto de vista das neurociências, os keméticos descreveram pela primeira vez o cérebro, a enxaqueca, a epilepsia, o AVC, o tétano, a paralisia de Bell (paralisia do nervo facial) e as sequelas dos traumatismos cranianos e da seção medular. Nas suas manifestações artísticas, apreciam-se doentes neurológicos e, segundo refere Heródoto, haviam médicos especializados nas “doenças da cabeça” que poderiam considerar-se precursores dos atuais neurologistas.

O mais antigo experimento psicológico registrado, relatado por volta de 429 a.C. foi em As Histórias (Parte 1, Livro 2, parágrafo 2) do historiador grego Heródoto (485-425 a.C.), considerado o primeiro livro de história do mundo. De acordo com Heródoto, o faraó kemético Psamético I (664-610 a.C.) ordenou que dois bebês fossem criados em um lugar remoto por um pastor que estava proibido de falar em sua presença. Depois de dois anos, as crianças começaram a falar. Psamético concluiu que a capacidade de fala é inata e que a linguagem natural dos seres humanos era frígia.

O Papiro de Ebers (c. 1550 a.C.) menciona a depressão e a demência. Também em Kemet o documento mais antigo da medicina, o Papiro de Edwin Smith (c. 1700 a.C.) faz a primeira referência ao cérebro nunca antes registrado, aparecendo oito vezes no documento. O papiro descreve os sintomas, diagnósticos e prognóstico de dois pacientes com fraturas múltiplas de crânio. Reveja seus conceitos sobre o povo negro, descolonize-se!

CARLOS MACHADO / GYASIKWEISI, Historiador e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo, Professor da SME-PMSP, Autor do livro *Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente*. É ex-bolsista da Ford Foundation (USA), Articulista e Palestrante.

MARANHÃO CELEBRA A FESTA DO DIVINO



Entre os dias 29 de maio e 09 de junho, Domingo de Pentecostes, o Maranhão torna-se palco de uma grande celebração. Ao longo desses dias, mordomos, caixeiras e outras figuras simbólicas da festa circulam pelas ruas e ladeiras de pedras de diversos municípios.

A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão é um dos muitos festejos que fazem parte da cultura popular do Estado, destacando-se como um dos mais importantes, por sua ampla difusão e pelo impacto que tem sobre a população.

A comemoração teve sua origem em Portugal, com a construção da Igreja do Espírito Santo em Alenquer, no século XIII, por ordem da rainha Dona Isabel, a festa chegou ao Brasil no século XVI com os colonizadores. Em São Luís e em diversas outras cidades maranhenses, a festa do Divino é estreitamente identificada com as mulheres, e em especial com as mulheres negras ligadas às religiões afro-brasileiras. Esse fato distingue a festa no Maranhão das festas do Divino realizadas em outras regiões do país e lhe dá uma feição bem particular. Com exceção de algumas festas como a de Alcântara, organizada com o apoio de autoridades locais e sem vínculos com terreiros, a grande maioria das festas do

Divino no Maranhão é realizada em casas de culto (tambor de mina), onde a presença feminina é dominante.

A Festa do Divino gira em torno de um grupo de crianças (chamado império ou reinado), vestidas com trajes de nobres e tratadas como tais durante os dias da festa, com todas as regalias. O império se estrutura de acordo com uma hierarquia no topo da qual estão o imperador e a imperatriz (ou rei e rainha), abaixo do qual ficam o mordomo-régio e a mordoma-régia, que por sua vez estão acima do mordomo-mor e da mordoma-mor.

A cada ano, ao final da festa, imperador e imperatriz repassam seus cargos aos mordomos que os ocuparão no ano seguinte, recomeçando o ciclo.

A festa se desenrola em um salão chamado tribuna, que representa um palácio real e é especialmente decorado para este fim. A abertura e o fechamento desse espaço marcam o começo e o fim do ciclo da festa, durante o qual se desenrolam as diversas etapas que, em conjunto, constituem um ritual extremamente complexo, que pode durar até quinze dias: abertura da tribuna, busca e levantamento do mastro, visita dos impérios, missa e cerimônia dos impérios, derrubamento do mastro, repasse das posses reais, fechamento da tribuna e carimbó de caixeiras.

ANGOLA AMPLIA NEGÓCIOS PARA INVESTIDORES

Presidente da República convidou redes hoteleiras mundiais para incrementar setor turístico do país



O Presidente da República de Angola, João Lourenço, participou da abertura do Fórum Mundial do Turismo e recebeu investidores das cadeias hoteleiras Marriott, Radisson, Hilton e Accor. Na ocasião foram avaliadas possibilidades de desenvolvimento do negócio do turismo em Angola, respeitando a diversidade de recursos naturais.

João Lourenço destacou as potencialidades turísticas de Okavango/Zambeze, área rica em vida selvagem e biodiversidade, importantes para o ecoturismo, bem como os parques naturais do Iona, Quissama, Lumeji Cameia, Quedas de Calandula e Pedras Negras de Pungo a Ndongo.

As Ruínas de Kulumbimbi e o Museu dos Reis do Kongo (elevadas à categoria de Património Histórico Mundial pela Unesco), as Cachoeiras do Binga, o Museu da Cultura Còkwe, no Dundo, as Pinturas Rupestres de Tchitundo-Hulo e as praias também foram áreas destacadas pelo Presidente da República como oportunidades de negócio.

Investimento nos navios de cruzeiros transatlânticos, que, em Angola, se encontra em fase embrionária e constitui um potencial de exploração e desenvolvimento, pelo fato do país ser um ponto de paragem obrigatória para quem

vem da Costa Leste da América do Norte e do Sul, bem como os provenientes do Índico e que dobram o Cabo da Boa Esperança, na África Sul.

O presidente garantiu que está comprometido em viabilizar e apoiar os investimentos que se constituam em catalisadores da economia nacional.



MIEU BEBÊ TEM 4C

por LEIA ABADIA

Os desafios das mães com filhos com cabelo crespo

O NASCIMENTO DE UMA CRIANÇA. A ESPERADA CHEGADA DE UM NOVO MEMBRO NA FAMÍLIA, MOTIVO DE MUITA EMOÇÃO E ALEGRIAS. DURANTE A GESTAÇÃO, NO MOMENTO EM QUE AS MÃES IMAGINAM O ROSTINHO DE SEUS BEBÊS, ELAS TRAÇAM UM PERFIL LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO AS CARACTERÍSTICAS DELA MESMA, COM AS CARACTERÍSTICAS DO PAI DA CRIANÇA, E SONHAM COMO VAI SER O SEU BEBÊ.

Aí eu me pergunto: em um país que se desenvolveu com uma cultura racista, como se sentem as mães, que sabem que seus bebês vão chegar ao mundo com cabelos crespos?

Mães negras e afrodescendentes passam a gestação ouvindo frases do tipo “Tomará que salve o cabelo”; “Se Deus quiser, vai puxar o cabelo do pai” (no caso de relacionamento inter-racial); “Se vier igual ao seu cabelo, tem que viver no salão”.

Esses comentários “inocentes” vêm recheados de racismo. Precisamos entender que o cabelo, assim como o formato do nariz e a cor dos olhos fazem parte da identidade da criança. Apontar algo errado em uma dessas características por modismo, opinião pessoal ou estética, é racismo! Gera constrangimento na criança e pode evoluir para quadros extremos como depressão. Nunca é demais lembrar: Racismo é crime.

O Salão Preta Brasileira, especialista em cabelos crespos, propõe uma série de práticas familiares para desconstrução do racismo estrutural. O empoderamento deve acontecer em casa. Devem partir dos pais e responsáveis as ações afirmativas para trabalhar ego e autoestima.

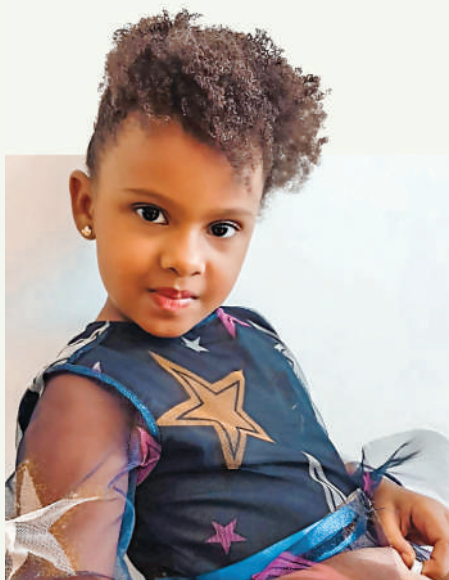
O cabelo 4C é alvo certo de piadas racistas e comentários de mau gosto. É necessário que pais e mães de crianças crespas busquem informações de como tratar o assunto com seus filhos, não apenas aprender a tratar ou melhorar o cabelo crespo. O mundo vai dizer para a criança termos como cabelo



duro, cabelo ruim, cabelo difícil, cabelo pixaim, cabelo Bombril, cabelo sujo, cabelo com piolhos. Cabe aos pais, mães e responsáveis ensinar às nossas crianças termos como crespo é lindo; eu amo o meu cabelo; todo cabelo tem a sua beleza; cabelo crespo não é duro, é crespo; não precisa fazer cachos para ser bonito; cabelo crespo não precisa ser domado ou alisado; cabelo crespo não é sinônimo de piolho; cabelo crespo é penteado para cima e não para baixo.

É corriqueiro, na minha profissão, encontrar mães desesperadas por não saberem lidar com os desafios de ter uma criança crespa. E não é só sobre escolher o tipo de produto, mas sim de como ajudar as crianças a aceitarem os cabelos crespos. As mães me trazem todo tipo de desabafos, coisas como “minha família inteira pede para alisar o cabelo do meu filho(a)”; “meu filho(a) é a única criança crespa da escolinha”; “meu filho(a) pede para ter cabelo liso”.

São períodos complicados nos quais precisamos ajudar e dar suporte às crianças. A sociedade tem que tomar conhecimento de tudo que direta ou indiretamente alimenta o racismo, e passar a reforçar o antirracismo. Essa tratativa precisa ser levada para as escolas, clubes, condomínios. As famílias afrocentradas precisam buscar representatividade por elas mesmas. O que se encontra hoje em rede aberta e mídia de massa não alcançará crianças nessa faixa etária. O racismo estrutural está infiltrado no sistema educacional, no sistema de saúde pública e em



outros sistemas sociais, dos quais as crianças fazem parte desde o nascimento, mesmo sem entender. Nossos filhos sentem a energia angustiante do racismo.

Precisamos reagir. Nossas crianças não podem crescer nessa atmosfera, sem serem estrategicamente orientadas nesse sentido. Mães e pais, falem com suas crianças sobre o cabelo crespo, ensinem os pequenos a falar “meu cabelo é crespo”. Fale a palavra crespo todos os dias. Oriente parentes e amigos sobre os termos racistas a serem evitados, como “cabelo duro”, e “cabelo difícil” e não permita que façam parte do dia a dia. O cabelo crespo é bonito como ele é.

CRÉDITOS
PRODUÇÃO: SALÃO PRETA BRASILEIRA
PRODUÇÃO DE ARTE: CAROL ROSA/ GECICA ROSA
STYLIST: ANA PAULA FERNANDES
FOTOGRAFIA: LEANDRO SANTOS
PRODUTORA: ALIVE PRODUTORA E KONG PRODUTORA





TURBANTE-SE

por CAROL BARRETO

A ARTISTA, DESIGNER E TURBANTEIRA BAIANA THÁIS MUNIZ, NATURAL DE FEIRA DE SANTANA, TEM, ATRAVÉS DOS TECIDOS, PERFORMANCES, ARTES VISUAIS E DIREÇÃO PARA FOTOGRAFIA E VÍDEO, VIVENCIADO INÚMERAS NUANCES DA SUA PESQUISA SOBRE A HISTÓRIA, OS SIGNIFICADOS E RESSIGNIFICAÇÕES DOS TURBANTES E AMARRAÇÕES DE CABEÇA NA AFRODIÁSPORA. EM 2012 CRIOU TURBANTE-SE, PLATAFORMA DE PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE CONHECIMENTO, QUE PROPÕE UM OLHAR MAIS DEMORADO SOBRE ESSE SÍMBOLO, UTILIZANDO DIVERSAS LINGUAGENS E MEDIUMS QUE INCLUEM WORKSHOPS, PALESTRAS, REGISTROS AUDIOVISUAIS E OUTROS.







O Turbante-se nasceu como Workshop de Turbantes por Thaís Muniz, a partir dos recorrentes pedidos de pessoas conhecidas, e mesmo desconhecidas, sobre as formas de uso e amarração daquele adorno, que Thaís costumava trazer, corriqueiramente, na cabeça. A partir do primeiro workshop, em 2012, em Salvador, que tratou apenas da parte prática, a artista se deparou com uma quase ausência de bibliografia sobre o tema.

“Antes de nascer como Turbante-se, na minha cabeça a parte de pesquisa histórica seria muito simples, afinal, pra mim, os turbantes são tão icônicos que, com certeza, alguém já teria se dedicado a pesquisar sobre eles na história do Brasil. Encontrei pouco numa busca no Google, e esse foi o começo de uma pesquisa autoral, de conectar pontos históricos para que eu pudesse criar uma narrativa, a qual conduziria à história que eu queria saber para contar”, explica.

Suas andanças e vivências moldaram os primeiros passos da pesquisa, a partir de conversas com algumas mulheres referência nesse tema, a exemplo de Negra Jhô e da estilista Dete Lima, uma das fundadoras do Ilê Aiyê, bem como pesquisa de campo com mulheres africanas, nigerianas, senegalesas, ganesas, martinicanas, jamaicanas,

angolanas, moçambicanas, além de muçulmanas de vários países, rastafáris, mulheres da santeria haitiana, cubana e, claro, as mais próximas do seu cotidiano, como as baianas de acarajé e as Iyalorixás, Makotas e Ebomis. As conversas, inclusive, estão registradas e a ideia de Thaís é produzir uma exposição, um documentário e também um livro, “escancarando” tudo o que o turbante representa através das suas formas de comunicação não verbais, suas ressignificações na diáspora e sua importância para a estruturação de uma sociedade antirracista decolonial.

Turbante-se é, essencialmente, uma plataforma de pesquisa e difusão da história e significados dos turbantes nas diásporas afro-atlânticas a partir de um mapeamento dos “porquês”, quando e como esse ícone, tão simbólico e tão antigo, foi introduzido na África, ressignificou-se e foi introduzido nas diásporas.

A artista aponta que, dentro do vasto universo de simbolismos e significados que os turbantes carregam em si, abrangendo inúmeras culturas no mundo, existe uma relação especial que tem sido vivenciada e ressignificada para pessoas negras da diáspora, essencialmente para as mulheres, como parte do processo decolonial.

“Esse novo trabalho vem acompanhado de uma missão que se alia à militância, em primeira instância, estética. O adorno se posiciona como porta de entrada para criação de diálogos sobre autocuidado, valorização e não invisibilização do self e a elevação da autoestima sobre o pilar de estéticas afrocentradas, permeadas por história, arte, memória, tradições, economia, ancestralidade. Além do exercício das subjetividades no fazer de micro e macro políticas”, defende.

Seu trabalho estabelece um trânsito, que permite o intercâmbio entre culturas negras de um país novo e em desenvolvimento, inclusive identitário, como o Brasil, com a aglutinação de etnias e culturas do continente europeu - por morar há quase cinco anos entre a Irlanda e o Reino Unido, e os fluxos e refluxos sobre uso e desuso do adorno no continente africano. Desde o início do projeto, Thaís teve mais de 3 mil alunas e inspirou a criação de negócios próprios e marcas, aos moldes do Turbante-se, o que denota um





WWW.TURBANTE-SE.COM

WWW.TURBANTE-SE.ILURIA.COM/

INSTAGRAM: [TURBANTE.SE | THAISMUNIZTHAIS](https://www.instagram.com/thaismunizthais)

FACEBOOK: [TURBANTE.SE](https://www.facebook.com/turbante.se)

potencial empreendedor dentro desse ofício, com o diferencial de ter agregado em si todo um conteúdo histórico, cultural e mesmo ancestral. E, para além da lógica mercadológica e mesmo empreendedora, deu origem a um novo verbo: Turbante-se, um “neologismo-convite”, que já tem incontáveis menções na web.

“Através do meu trabalho, consigo me comunicar com outras mulheres negras, de uma forma bem direta, sobre a necessidade de empoderamento político, inclusive a partir da perspectiva uma estética afrocentrada que permeia inúmeras memórias”, enfatiza.

Sua pesquisa já foi apresentada em importantes instituições pelo mundo e em julho estará na 7ª Conferência Bianual da Rede AfroEuropeans “In/

Visibilidades Contestadas”, em Lisboa. Palestras e workshops foram realizados em Barcelona, Madri, Rotterdam, Amsterdam, Lisboa, Berlim e Freetown, em Serra Leoa, onde a artista, inclusive, desenvolveu sua última coleção de lenços para turbantes em parceria com alfaiates locais.

Thaís também foi uma das artistas convidadas para integrar a exposição coletiva “Axé Bahia: The Power of Art in an Afro-Brazilian Metropolis”, no Fowler Museum em Los Angeles, ao lado de obras de Mestre Didi, Rubem Valentim, Pierre Verger e Goya Lopes, entre outros, onde a artista ainda ministrou palestra. A experiência in-progress tem transitado por inúmeras esferas sociais, que vão de quilombos a feiras especializadas na Europa, escolas primárias de Salvador e espaços culturais de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, festivais de arte ao redor do mundo e ações de resgate da autoestima de mulheres com câncer em instituições como o Hospital Aristides Maltez (Salvador) e a Faculdade das Américas – FAM/SP.

STEFANE SANTOS

Modelo comercial e miss, tenho 23 anos. Desde pequena acompanho o trabalho de vocês por influência da minha mãe que comprava revista todo mês. Acho que ela ficaria muito feliz em me ver na revista.



BERNARDO SANTOS MEDEIROS

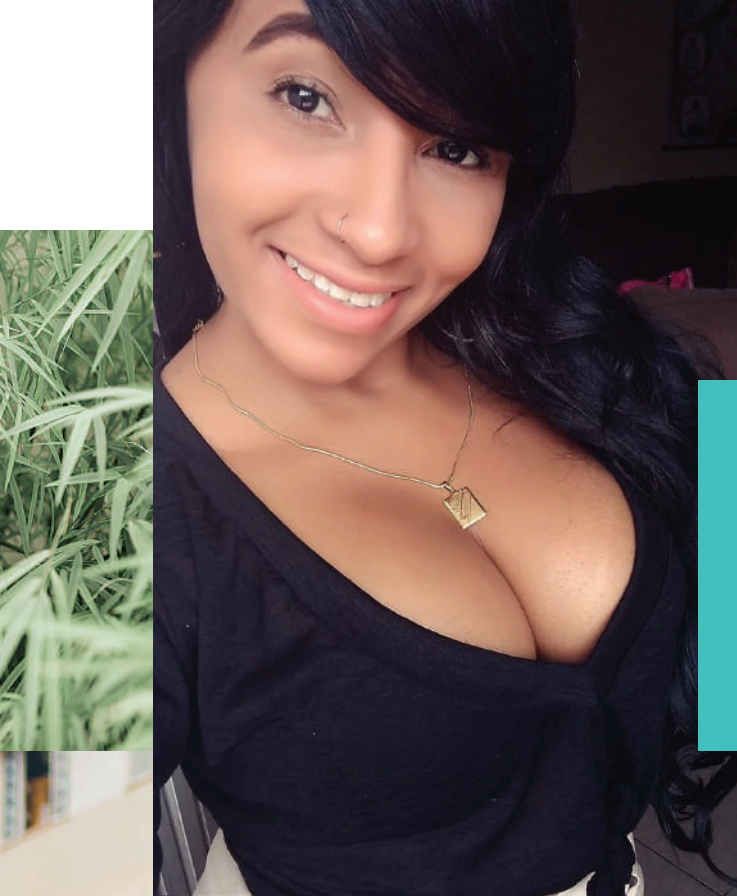
Aos 4 anos, ele adora futebol, basquete, tirar fotos com a mamãe e papai, dançar é fã do Homem Aranha. Comunicativo e carismático, o pequeno morador do Jardim São Carlos, na Zona Leste de São Paulo tem realizado alguns trabalhos profissionais.

“Somos uma família negra, que busca sempre a autenticidade e valorização da nossa origem, por isso nossa admiração pela Revista Raça, simplesmente nos representa!”, diz a mamãe, Joana.



MARIANA GUIMARÃES

Em Petrópolis, cidade da região serrana do Rio de Janeiro, ela é conhecida como Preta Guimarães. Estudante de Direito, ela trabalha num escritório de advocacia e concilia com o ofício de modelo.



FLAVIA SANTOS

Aos 33 anos, essa moradora de São Vicente, na Baixada Santista, é mãe da princesa Júlia, de 4 aninhos, a quem considera um milagre de Deus. Ela trabalha como operadora de caixa, mais sonho em ser modelo fotográfica. Ama tirar fotos, ir a festas, dançar e se reunir com os amigos.

“Quero construir meu lar através das minhas realizações e dar um futuro digno para minha filha. Aprendo que nunca posso dizer que é impossível, eu somente digo: ainda não fiz!”



ÍRIS SOUZA

Foi a Laura, mãe apaixonada dessa linda, que nos enviou sua foto. Aos 19 anos, essa baiana de Feira de Santana começou a modelar profissionalmente aos 18, porque sua mãe não podia acompanhá-la nos trabalhos. E está arrasando!



Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

Reaja à violência racial:
**“beije sua preta
em praça pública”**
(ORD)

EU QUERO UM HOMEM NEGRO, VIÚVO E COM ELE QUERO TER TRÊS FILHAS

por RACHEL QUINTILIANO

DESDE PEQUENA OUVIA MINHA AVÓ MATERNA CONTANDO A HISTÓRIA DE COMO O MEU AVÔ ENTROU NA VIDA DELA. ELA DIZIA QUE ERA ESSE, O HOMEM - NEGRO E VIÚVO, QUE ELA TINHA PEDIDO A DEUS, EM UMA TARDE QUALQUER ENQUANTO CAMINHAVA PELO JARDIM DA LUZ, UMA PRAÇA MUITO POPULAR LOCALIZADA NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO.

A fé foi tamanha, que a graça imediatamente lhe foi concedida. Depois da prece, meu avô sentou ao lado dela e viveram juntos até que ele morreu, um pouco antes de eu nascer, há mais de 40 anos. Por mais de uma vez, ouvi ela dizer que temos que saber pedir. “Pede qualquer coisa, vem qualquer coisa”, dizia enquanto ria de nossas conversas de adolescente.

Nunca tive a oportunidade de perguntar para ele sobre a história. Não o conheci. Mas as poucas fotos informam que ele era lindo, alto e elegante. Não dispensava o terno e o chapéu. Eu soube que ele tinha um bom emprego de cozinheiro no Palácio Bandeirantes, sede do Governo do Estado do São Paulo. Bom o suficiente para que ele pudesse deixar os cortiços do Bexiga (bairro na região central da cidade) e mudar com a nova família para a zona norte, para uma casa própria, construída aos poucos.

Tampouco perguntei para a minha avó, porque ela pedirá um homem negro e viúvo. Ela também já morreu e eu fiquei sem uma resposta. Arrisco dizer que talvez um homem negro, viúvo na década de 1940, fosse um dos poucos a aceitar uma mulher jovem, pobre, analfabeta, nordestina e sem nenhum familiar por perto. Alguém que por princípios, por sonho de liberdade ou qualquer outro motivo, saiu praticamente fugida da sua cidade natal, Canhotinho/PE, para se aventurar na imensidão de São Paulo. Tempos difíceis, sem dúvida, até para uma mulher branca.

Será que ela pensou que só alguém que soubesse o que é ser desrespeitado e discriminado a aceitaria?

Sempre penso sobre isso e como manter relacionamentos, sem ter de explicar toda semana por que seu filho, sobrinho ou afilhado, simplesmente não ganhou o sonhado elogio do professor, por que apesar de você ter se esforçado muito, nunca parece ser o suficiente para receber uma promoção, ou por que você chegou do happy hour completamente aborrecida porque seus colegas simplesmente não acreditaram que você não sabia sambar, mesmo sendo uma mulher negra. Em outras palavras, reconhecendo o racismo em cada hora do dia.

Será que por algum momento ela pensou que estar ao lado de alguém que sofre racismo poderia ser mais compreensivo, uma vez que ela sofria outras discriminações?

Eu me casei uma vez, ele não era um homem negro e, muitas vezes, simplesmente cansada de explicar resolvi calar. Não por amor, apenas por cansaço. O casamento acabou e a experiência me faz pensar se um relacionamento duradouro com um homem negro me pouparia de tal explicação ou se me jogaria diante de outros dilemas. As apostas estão abertas. O que vocês acham?

Quais são os desafios para o amor negro? Arrisco dizer que o primeiro é encontrá-lo, o segundo está no fato de, na minha opinião, ser um ato político - e um ato político requer muita energia e resiliência. Prova disso foi a lendária campanha do Movimento Negro Unificado (MNU), que convocara a comunidade negra para beijar em praça pública. Era um ato político, um ato de enfrentamento ao racismo e de celebração do amor.

Beije quem você quiser, a depender da vontade, da reciprocidade e da paciência que você tiver.

Beije seu preto e sua preta na rua.

RACHEL QUINTILIANO é jornalista, pós-graduada em comunicação e saúde, consultora na área de comunicação, planejamento e sistematização com foco em saúde, gênero e raça.

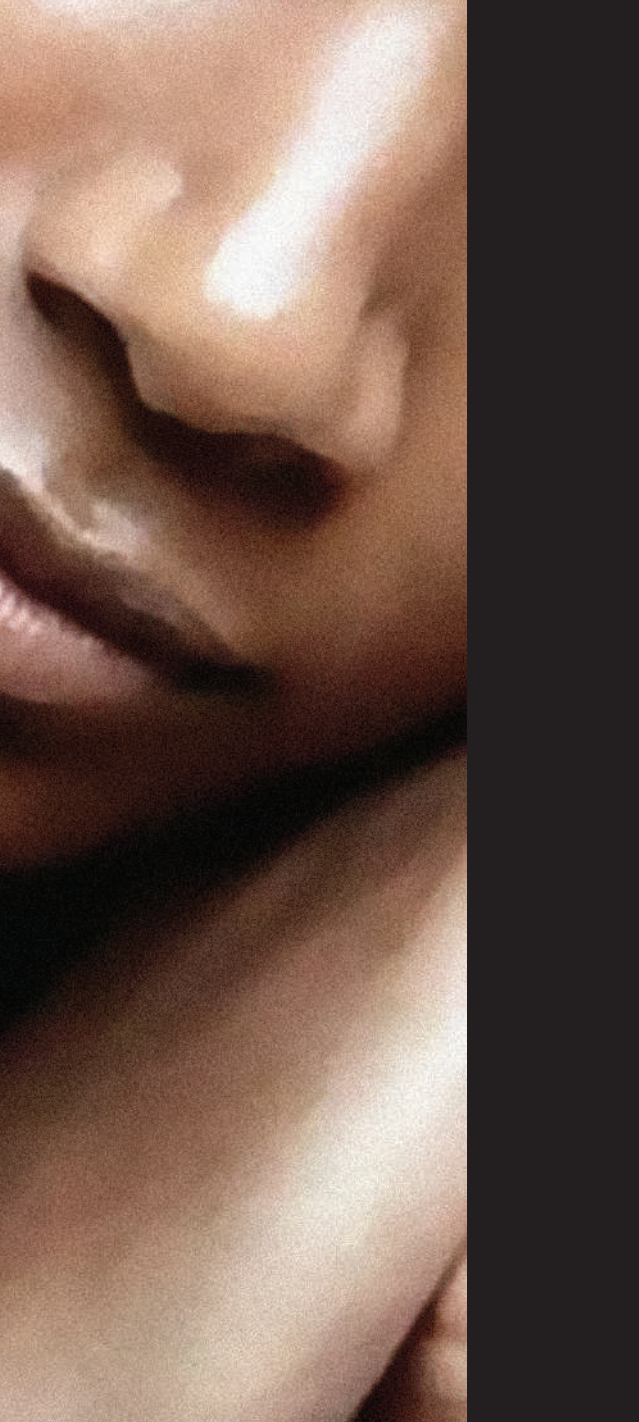


LÚPUS:

CRESCCE O ÍNDICE EM

por LANA MACRIS

JOVENS NEGRAS



Estudos realizados em Atlanta e Michigan concluíram que afrodescendentes tiveram um aumento da proporção de doença renal lúpus e as mulheres negras desenvolvem lúpus mais cedo do que as mulheres brancas. A incidência chega a ser três a quatro vezes maior entre 15 e 40 anos.

As principais formas da doença são:

- **Lúpus Discoide:** esse tipo de lúpus fica limitado à pele da pessoa
- **Lúpus Sistêmico:** esse tipo de lúpus é o mais comum e pode ser leve ou grave, conforme cada situação
- **Lúpus induzido por drogas:** essa forma do Lúpus tende a desaparecer assim que o uso da substância terminar.

Não se sabe ao certo o que causa a doença, tendo em vista que ataca o sistema imunológico e destrói tecidos saudáveis do próprio corpo, um comportamento anormal do organismo. No entanto, estudos apontam que as doenças autoimunes podem ser uma combinação de fatores: hormonais, infecciosos, genéticos e ambientais.

Os sintomas mais comuns são fadiga, febre, dor articular, edema e rigidez muscular, dificuldade para respirar, dor no peito ao inspirar profundamente, sensibilidade à luz solar, dor de cabeça, confusão mental, perda de memória, queda de cabelo e desconforto geral. Todos variam de acordo com a parte do organismo afetada pela doença.

Ainda não há nenhum exame ou teste específico para diagnosticar o Lúpus, mas isso pode ser feito com segurança a partir de exames de sangue, urina e dos sintomas clínicos apresentados ao médico durante exame físico.

“O tratamento do Lúpus, assim como para outras doenças crônicas, é mais paliativo e tem por objetivo controlar os sintomas, melhorando a qualidade de vida da pessoa. Em casos de Lúpus grave com risco de morte, são utilizadas altas doses de medicamentos específicos, mas que também têm efeitos colaterais graves e exigem monitoramento médico especialista frequente e constante”, segundo a reumatologista Dra. Deise Herrera Righi.

DOENÇA INFLAMATÓRIA AUTOIMUNE, QUE PODE AFETAR MÚLTIPLOS ÓRGÃOS E TECIDOS, O LÚPUS, SE NÃO TRATADO ADEQUADAMENTE, PODE MATAR. A DOENÇA PODE SE MANIFESTAR EM PESSOAS DE QUALQUER IDADE, RAÇA E SEXO. NO ENTANTO, AFETA DESPROPORCIONALMENTE MULHERES JOVENS NEGRAS E EM UMA IDADE RELATIVAMENTE PRECOCE, SEGUNDO PESQUISADORES AMERICANOS.

NEGROS

EM MOVIMENTO

ESTILO CABOVERDEANO

Quando ganhou uma bolsa de estudos universitários, concedida pelo governo de Cabo Verde, na África, Angela Brito acreditava que Portugal seria seu destino para realizar o sonho de se graduar em Engenharia. Mas acabou parando em Niterói, na Região Oceânica do Rio de Janeiro. E lá se vão 20 anos...

Formou-se na profissão que escolheu, mas não a exerceu. Com a escassez de dinheiro, produzia suas próprias roupas, algo que aprendeu ainda na infância. Só que, com a experiência da Engenharia, resolveu dar um toque a mais em suas criações.

Com um design sofisticado e minimalista, cheio de recorte, nasceu em 2014 a Angela Brito Brand, inspirada pela vontade da estilista de promover liberdade através da moda, intimamente ligada às suas vivências pessoais,



através de formas clean. A grife prima pela elegância e bom gosto, fugindo do lugar comum de estampas multicoloridas, quando o assunto é moda africana.

“Em Cabo Verde, carregamos uma certa austeridade no corte e nas cores e uma elegância própria. Minha mãe costurava, eu era a mais velha de cinco irmãos e gostava de ajudá-la riscando e organizando as modelagens. Sou apaixonada por essa forma estrutural, quase de engenharia, no vestir”.



PAGODEIRA

Ex-participante do The Voice Brasil, Andressa Hayalla está lançando novas músicas e videoclipes. A cantora – que logo que deixou o reality musical subiu ao palco para cantar com Ferrugem e com a Ivete Sangalo – está disposta a reforçar a força da mulher no pagode.

Andressa começou a cantar na igreja e quase desistiu de tudo após perder a tia, a cantora gospel Jura Voz, de quem fazia backing vocal. Nascida e criada em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, eça quer

ser uma desbravadora nesta seara.

“No samba, há grandes destaques femininos. No pagode, são os homens que dominam”, diz.

Com a intenção de lançar um single por mês, Andressa está divulgando a faixa “Eu Também Sei Fazer”, cujo videoclipe conta com a participação de Thiago Tomé.

“A ideia é que seja um EP. Estou fazendo participações em shows e quero juntar material autoral e construir o repertório de um futuro disco”.

Disposição de sobra

Ana Flávia Cavalcanti não para. Esteve em sete episódios da terceira temporada de “Sob Pressão”, série médica da Globo, interpretando uma dependente química. Além da série, a artista está expandindo sua voz e reforçando a representatividade negra no meio artístico. No teatro, vai estrear duas peças, “Tutankáton” e “Giz”, esta última um projeto de sua produtora.

Como mulher negra, periférica e filha de empregada doméstica, a artista busca promover a diversidade e fazer críticas às estruturas sociais, trazendo estes temas para seus projetos autorais. Ela está explorando suas habilidades como diretora e roteirista de performances, curtas-metragens e documentários e desenvolvendo produções para o teatro e para o cinema.

Ana Flávia ainda estreia como roteirista e co-diretora com o curta metragem Rã, projeto feito em parceria com Julia Zakia, que tem estreia prevista para este ano ainda.

Formada em Artes Cênicas, ela abandonou o curso de enfermagem para ser atriz. Na França, estagiou no Théâtre du Soleil e ainda coleciona uma passagem pela École Lecoq.



FOTO: JORGE BISPO

MOMENTO DE CELEBRAR

Para marcar o lançamento da edição 207 da Revista RAÇA, um coquetel foi realizado no Buffet Manaus, em São Paulo, em total clima de confraternização entre leitores, parceiros, autoridades, articulistas, executivos e admiradores da revista.

Na ocasião, além de destacar a publicação que trouxe na capa a cantora IZA, o CEO do Grupo Raça, Maurício Pestana, destacou parceiros importantes ao longo dos últimos anos e reforçou a força da mídia preta.

Durante o evento, um elegante time de modelos desfilou pelos salões do buffet Manaus, exibindo as peças exclusivas da Ebony Semi- Joias, inspiradas nos orixás.



TIME DE DIVERSIDADE DA VIVO
COM MAURÍCIO PESTANA E THÉO



ADRIANA VASCONCELOS



A COLUNISTA, JANE COSTA, O MARIDO FERNANDO E O FILHO DO CASAL, JAMAL



MONICA FARIA E MARCOS



DOUGLAS IZZO



CANTOR MOÇAMBICANO GUILHERME SILVA E MAURÍCIO PESTANA



HAMALLI ALCÂNTARA E RUBINHO



AS SEMI-JOIAS DA EBONY EM DESTAQUE



ATRIZ DO SBT MARIA GAL



TOBIAS DA VAI-VAI



INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM DEBATE

Maurício Pestana lançou a coleção “Lendas e Deuses da África”, no Rio de Janeiro

por FLAVIA CIRINO

MUITO TEM SE FALADO EM INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, TERMO QUE DESCREVE A ATITUDE MENTAL CARACTERIZADA PELA FALTA DE HABILIDADE OU VONTADE EM RECONHECER E RESPEITAR DIFERENÇAS OU CRENÇAS RELIGIOSAS DE TERCEIROS. O DEBATE PROMOVIDO APÓS O LANÇAMENTO DA COLEÇÃO LENDAS DOS ORIXÁS, DE MAURÍCIO PESTANA, NA BIBLIOTECA PARQUE DO RIO DE JANEIRO, ABRIU ESPAÇO PARA UM QUESTIONAMENTO: ATÉ QUANDO VAMOS DISCUTIR E, EFETIVAMENTE, NADA FAZER?

Mesmo com a criação de datas especiais — 16 de novembro, Dia Internacional da Tolerância, instituído pela Organização das Nações Unidas em 1996 e 21 de janeiro, Dia Nacional da Intolerância Religiosa, por meio da Lei nº 11.635, de dezembro de 2007 — o respeito ainda parece realidade distante para os adeptos de religiões de matriz africana.

É hora – mais do que urgente – de avançar. Reunidos no evento, o babalawo e doutor em História Comparada pela UFRJ, Ivanir dos Santos, a professora doutora Elisa Larkinn, do IpeAfro, o diretor e produtor cultural Rodrigo França, além de Maicol Willian, criador do grupo de estudos para pretos “Dissecando o Racismo”, e da jornalista evangélica Nilza Verônica, debateram o assunto. Destacamos alguns posicionamentos, confira:



FOTOS: ROSÂNGELA SILVA

IVANIR DOS SANTOS

A intolerância não é um processo religioso. É político e econômico. Estamos diante de uma batalha política e civil. É uma questão que tem a ver com racismo, poder. É inegável que a intolerância religiosa tem aumentado. Temos um problema da sensação de impunidade. Esses grupos são encorajados por acharem que nada vai acontecer. Os pentecostais se diferenciam dos reformados pela incorporação do Espírito Santo. Temos que compreender o que está acontecendo para construirmos mecanismos de combate. Combater a intolerância, venha de onde vier, não é combater evangélicos. Há setores católicos que são extremamente intolerantes. Quando acontece o combate à intolerância religiosa, todos os outros combates às intolerâncias passam a acontecer. Tem que haver ações mais conjuntas para reafirmarmos a liberdade religiosa, de expressão e política.

MAICOL WILLIAN

Trabalho numa escola de educação e dinâmica racial que busca pensar a espiritualidade e acabamos pensando em conteúdos preto e de forma branca. Muitas vezes os terreiros de candomblé, a capoeira são tratados de forma branca. Fazemos um embranquecimento. Não se pode ter tudo e o mundo é troca. Precisamos entender o que a gente quer ter e o que estamos dispostos a dar para ter. Vivemos numa sociedade racista e a gente aceita ser embranquecido. Há perdas e ganhos nisso.

Mais do que alienar a gente sobre o conteúdo que a gente pensa, Exu é uma metáfora sobre política. É dar para receber. É na figura do menino que a gente aprende que não pode enganar em nome do outro. Se a gente constrói, vem outra pessoa e destrói tudo. Exu é o intermediário entre os dois mundos. A sociedade reflete como as pessoas são tratadas. A gente só aprende com as experiências. Sabemos quem é o branco e continuamos tratando deles a maneira, tiramos exu de jogada. Educação é sobre doutrinação. Estragamos a criança quando colocamos várias determinações de como ela deve agir. Ela para de seguir a emoção para seguir a razão.

NILZA VALERIA DO NASCIMENTO

Estar nesse lugar não é confortável. Mas não posso me inibir, deixar de me posicionar e me colocar na posição de vítima. Sou sim evangélica, mas não concordo com muita coisa. Não somos poucos os evangélicos preocupados com a crescente onda de ódio, intolerância religiosa e de relacionamentos. Não somos poucos e muitas vezes somos silenciados pela indústria gospel e pessoas que, valendo-se do poder econômico, colocam-se como porta-vozes. Temos tentado mudar e reforçar nos ensinamentos bíblicos que nossa história vem da África. Quem sofre ou sofreu intolerância não pode disseminá-la. Tem o compromisso de tentar combater isso.

RODRIGO FRANÇA

Meu canal de luta é através da Educação. Precisamos, antes de mais nada, tratar a autoestima das crianças negras, fazê-las se enxergarem, sem medo, sem culpa. Tento desconstruir certos valores sociais. Sou do diálogo, mas não fujo à luta. Faço questão, sempre, de reverenciar todos os que estão lá atrás.

Théo Van Der Loo



FOTO: DIVULGAÇÃO

POR QUE ESTOU NESTA COLUNA?

Fiquei muito honrado com o convite para fazer parte do grupo de colunistas. Eu não sou negro e estou ciente que o protagonismo relacionado à inclusão racial é da comunidade negra. Talvez alguns se perguntem: “o que um homem branco está fazendo numa revista focada para a população negra?”

Nos últimos anos estive muito engajado na questão da inclusão e diversidade na empresa onde trabalhava. Aposentei-me em julho de 2018. Se há 5 anos alguém me perguntasse o que estaria fazendo hoje, com certeza a luta contra a desigualdade social e racial não faria parte da minha resposta.

Porém, atualmente quase 50% do meu tempo é dedicado a isto. Conhecer e interagir com a comunidade negra brasileira, de igual para igual. Independente de cargo ou hierarquia, está sendo uma experiência maravilhosa. Estou conhecendo a outra metade do Brasil. O meu sonho é fazer com que outros CEOs e empresas possam ver, entender e sentir as coisas que tenho vivenciado. Não me refiro aqui apenas a temas emocionais e de fazer o que é correto, mas também ao clima motivacional nas empresas e, evidentemente, os resultados financeiros.

Com frequência questioneei o fato de não existir quase nenhum negro em posições de nível executivo. Nem eu mesmo sabia bem como abordar o tema, com o receio de, sem querer, cometer alguma ofensa. Segui minha intuição. Em 2014 decidi conversar, a sós, com dois colegas negros na empresa. Ambos me incentivaram a seguir em frente e conversar com mais negros da organização.

Foi o que fizemos. Junto aos colegas de RH, organizamos conversas com um grupo maior de

negros e um novo mundo se abriu. Ficou evidente para mim que o racismo, viés inconsciente, o preconceito e qualquer outra expressão neste sentido, está afetando o desempenho das empresas e da própria economia brasileira.

Mais de 50% da população é de descendência negra. Portanto, mais de 50% dos talentos que existem por aqui não são aproveitados em virtude do racismo institucional e a falta de empatia coletiva.

Ao meu ver, começamos a construir este abismo social há séculos. Como pretendemos ser uma grande nação onde a maior parte da população (leia-se também talentos) é excluída das posições de poder e dos cargos de maior prestígio, restando-lhe apenas o trabalho mais simples? Até quando podemos, como nação, aceitar esta desigualdade crônica? Como se fosse o problema de outras pessoas, do governo, mas não o “meu problema”.

Durante esta jornada pessoal, coloquei um post no LinkedIn relacionado a um episódio racista que acabou impactando a minha vida de um jeito que eu jamais tinha imaginado. Recebi inúmeros comentários entre críticas e elogios. Pessoas negras agradecidas e pedindo para não parar, pois quando uma pessoa branca, com o cargo de CEO, chama a atenção sobre um episódio racista, fica difícil dizer que é “mimimi”. Ficou evidente que vivemos um “apartheid velado”. Não será possível evoluir se não nos dermos as mãos e nos ajudarmos. Aprendi que o protagonismo é dos negros, mas também existem coisas que é melhor uma pessoa branca falar e fazer. Todos temos uma missão a cumprir.

THÉO VAN DER LOO é empresário, ex-CEO da Bayer. Destaca-se pela luta por maior igualdade nas empresas.



As lendas e deuses trazidos pelos escravizados ao Brasil sempre permaneceram relegados aos que conhecem ou são adeptos das religiões de matrizes africanas, ou, quando muito, estão em estudos acadêmicos de trabalhos direcionados a pesquisadores.

Pela primeira vez surge um trabalho direcionado às crianças em que o autor, o cartunista Maurício Pestana, com uma linguagem lúdica e bastante didática, quebra preconceitos e tabus trazendo para público em geral visão bastante interessada dos deuses e das lendas milenares africanas.

Serviço:
Lendas e Deuses da África
Editora Nova Fronteira
onde comprar:
www.revistaraca.com.br


NOVA
FRONTEIRA

ONDE ENCONTRAR

Aqui estão os endereços de lojas, escritórios e profissionais citados nesta edição

EDITORIAL ANOS 90 – p.18 a 21

Vilela boots - <http://www.vilelaboots.com.br/> - @vilelaboots
Forever 21 - [facebook.com.br/forever21br](https://www.facebook.com/forever21br) - @forever21brasil
Hering - www.hering.com.br - @hering_oficial
Levis - www.levi.com.br - @levisbrasil
Ray-Ban - www.ray-ban.com/brazil - @rayban
Calvin Klein - www.calvinklein.com.br - @calvinkleinbrasil
Zara - <https://www.zara.com.br> - @zara
Lupo - www.lupo.com.br - @lupooficial

SERVIÇOS – p.24 e 25

Bel col - <https://www.belcol.com.br> (11) 4161-84 50 e (21) 2235-4759 - @belcosmeticos
Salon Line - www.lojadasalonline.com.br - @salonlinebrasil
Imaginarium - <https://loja.imaginarium.com.br> (11) 4933-9936 - @sigaimaginarium

CAPA – p. 30 a 35

Lorena e Maria Luísa vestem:

Mundi - <https://www.dafiti.com.br/roupas-infantis/mundi>
Camu Camu - <https://www.dafiti.com.br/roupas-infantis/camu-camu>
Matuschka Mia - <https://www.matuschkamia.com/> - @matuschkamia
Petit Cherie - <http://www.petitcherie.com.br/> -
Pampili - <https://www.pampili.com.br>
Dimy Candy - <https://www.dimycandy.com> - @dimycandy

Bicho Colorido - <https://www.bichocolorido.com/> - @bichocolorido

Joyce Ribeiro veste:

Ângela Brito - <http://angelabritobrand.com> - @angelabritobrand
Sandálias Corello - www.corello.com.br - @corellooficial

Luciano Silva veste:

Acervo pessoal

SAÚDE – P. 54 e 55

Dra Deyse Herrera Righi

(Reumatologista, membro da Sociedade Paulista de Reumatologia) – CRM 24626/SP
Américo Salvador Novelli, 154 - 6A Sala 603, Itaquera – SP – (11) 2286-1964



CAPA: JOYCE RIBEIRO, LUCIANO SILVA, MARIA LUÍSA E LORENA

CRIAÇÃO E ARTE: Paulo Alexandre

REVISTA
RAÇA

RAÇA é uma publicação da **Pestana Arte & Publicações**. Não nos responsabilizamos por conceitos emitidos em artigos assinados ou por qualquer conteúdo publicitário e comercial, sendo esse último de inteira responsabilidade dos anunciantes.

www.revistaraca.com.br
www.facebook.com/revistaraca
Ano XXII – Edição 208



PESTANA ARTE & PUBLICAÇÕES

Rua Serra de Bragança, nº 66B
Vila Gomes Cardim, São Paulo - SP
CEP: 03318-000 - Tel. (+55 11) 3476-1993

DIRETOR: Maurício Pestana

EDITORA ASSISTENTE: Hamalli Alcântara

REDAÇÃO

EDITORA-CHEFE: Flavia Cirino
DIRETOR DE ARTE: Paulo Alexandre
MÍDIAS SOCIAIS: Hamalli Alcântara
REVISOR: Afonso Leite
COLABORADORES: Angélica Zago, Augusto Baptista, Dione Rio, Emanuele Sanuto e Fernando Ferraz
CONSELHO EDITORIAL: Amarildo Nogueira, Carlos Machado, Carol Barreto, Dilza Muramoto, Édio Jr, Fábio Garcia, Fábio Pereira, Fátima França, Flávio Andrade, Francilene Martins, Jane Costa, Katleen Conceição, Mônica Faria, Olívia Santana, Petronilha Gon, Rachel Maia, Théo Van Der Loo e Uenia Baumgartner

PARA ANUNCIAR
anunciar@revistaraca.com.br

SUGESTÃO DE PAUTA
Sugestões, dúvidas e informações, escreva para:
redacao@revistaraca.com.br ou com a editora-chefe: flavia.editora@revistaraca.com.br

IMPRESSÃO
FCJN Gráfica e Editora - Tiragem 20.000

Nota da redação: Algumas imagens desta edição, foram pesquisadas na internet. Não encontramos as fontes, que poderão ser creditadas na próxima edição.

LOJA RAÇA
Confira as ofertas e produtos da Raça no site: www.revistaraca.com.br



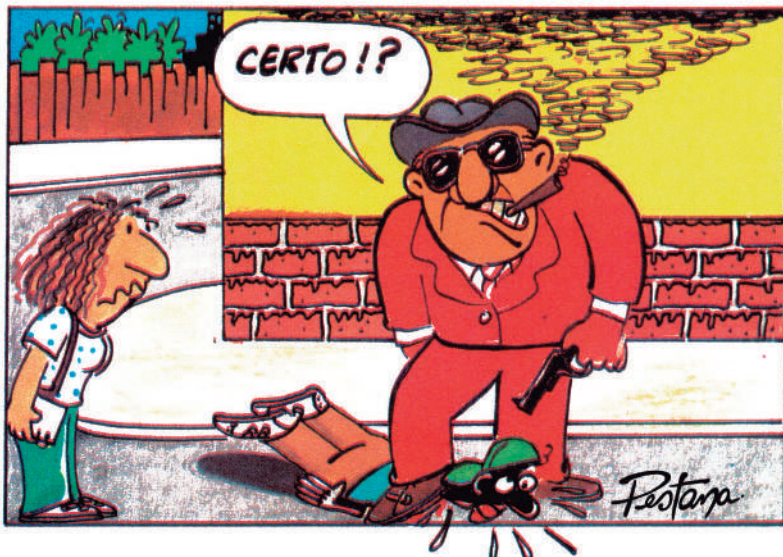
SE SUA EMPRESA BUSCA...

BBRAND AWARENESS: reforçar sua marca para a população afro-brasileira (113 milhões de pessoas...)

DIVERSIDADE E EQUIDADE: racial, social e de gênero

EMPLOYER BRAND: incluir ou manter a sua empresa entre "as melhores para se trabalhar" no que diz respeito à diversidade

Faça parte do Grupo Raça!



TRANSPORTE AÉREO E RODOVIÁRIO DE CARGAS PARA TODO O BRASIL!



Somos uma transportadora especializada em carga fracionada.

Utilizamos um modelo operacional desenvolvido para atender o modal aéreo, dinamizando as nossas entregas, que são feitas de maneira rápida e eficiente.

Possuímos certificação ANVISA para transportes de medicamentos e produtos correlatos.

Faça uma cotação conosco!



11 2085-4400

www.viabrasiltransaereo.com.br

CERTIFICADOS



CERTIFICAÇÃO
COMPROVADA

Sindicato Nacional das Empresas Associadas
SNEA



Se é Bayer, é bom

O nosso DNA é composto de diversidade

Respeito ao ser humano e à diversidade são importantes valores para a Bayer, presente no Brasil desde 1896.

Diversidade de raças e culturas, diversidade de ideias e credos, diversidade em todas as nossas marcas. Acreditamos que a diversidade enriquece a sociedade e agrega valor à nossa empresa, colaboradores, clientes e parceiros.
Se é Bayer, é bom.



INCLUSÃO E DIVERSIDADE
Respeito que faz a diferença

Aline Alves Felix

Psicóloga
Especialista em RH

A Bayer promove ciência para uma vida melhor com soluções para cuidar da sua saúde.

Bepantol® Derma

Bepantol® Baby



REDOXON® 1G (ÁCIDO ASCÓRBICO) INDICADO COMO SUPLEMENTO VITAMÍNICO AUXILIAR DO SISTEMA IMUNOLÓGICO. REG.MS.1.7056.0016. **PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASO DE DOENÇA GRAVE DOS RINS. **REDOXON® ZINCO** (ÁCIDO ASCÓRBICO + ZINCO) INDICADO COMO SUPLEMENTO VITAMÍNICO E MINERAL AUXILIAR DO SISTEMA IMUNOLÓGICO. REG.MS.1.7056.0012. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO. NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASO DE DOENÇA GRAVE DOS RINS, REDOXON® GOTAS – ÁCIDO ASCÓRBICO – REG. MS: 1.7056.0016.** INDICADO COMO SUPLEMENTO VITAMÍNICO AUXILIAR DO SISTEMA IMUNOLÓGICO. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASO DE DOENÇA GRAVE DOS RINS. **FLANAX®** : (NAPROXENO SÓDICO). INDICAÇÕES: DORES AGUDAS CAUSADAS POR INFLAMAÇÃO : DOR E FEBRE EM ADULTOS; DORES MUSCULARES E ARTICULARES; DOR APÓS TRAUMAS; ENTORSES, DISTENSÕES, CONTUSÕES, LESÕES LEVES, DECORRENTES DE PRÁTICA ESPORTIVA. REG. MS: 1.7056.0047. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASOS DE ÚLCERA, GASTRITE, DOENÇA DOS RINS OU SE VOCÊ JÁ TEVE REAÇÃO ALÉRGICA A ANTI-INFLAMATÓRIOS. **ASPIRINA®** (ÁCIDO ACETILSALICÍLICO). INDICAÇÕES: ALÍVIO SINTOMÁTICO DE DORES DE INTENSIDADE LEVE A MODERADA, COMO DOR DE CABEÇA, DOR DE DENTE, DOR DE GARGANTA, DOR MENSTRUAL, DOR MUSCULAR, DOR NAS ARTICULAÇÕES, DOR NAS COSTAS, DOR DA ARTRITE, ALÍVIO SINTOMÁTICO DA DOR E DA FEBRE NOS RESFRIADOS OU GRIPE. REG. MS-1.7056.0020. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASO DE GRAVIDEZ, GASTRITE OU ÚLCERA DO ESTÔMAGO E SUSPEITA DE DENGUE OU CATAPORA. **GINO-CANESTEN® 1 COMPRIMIDO VAGINAL (CLOTRIMAZOL) / GINO-CANESTEN® CREME VAGINAL (CLOTRIMAZOL 1%) / GINO-CANESTEN® 3 CREME VAGINAL (CLOTRIMAZOL 2%)** REG. MS – 1.7056.0102. INDICAÇÕES. **GINO-CANESTEN® COMPRIMIDO VAGINAL** É INDICADO PARA O TRATAMENTO LOCAL DE VAGINITE, INFECÇÃO CAUSADA POR FUNGOS, GERALMENTE DO GÊNERO *CANDIDA*. **GINO-CANESTEN® CREME VAGINAL**; É INDICADO PARA O TRATAMENTO LOCAL DE VAGINITE, INFECÇÃO CAUSADA POR FUNGOS, GERALMENTE DO GÊNERO *CANDIDA*, NA ÁREA GENITAL. TAMBÉM É INDICADO PARA O TRATAMENTO LOCAL INFECÇÃO NA ÁREA GENITAL EXTERNA DA MULHER E EM ÁREAS PRÓXIMAS, E TAMBÉM DE BALANITE, INFECÇÃO NO PÊNIS (GLANDE E PREPÚCIO) DO PARCEIRO SEXUAL. **GINO-CANESTEN® É UM MEDICAMENTO. SEU USO PODE TRAZER RISCOS. PROCURE O MÉDICO E O FARMACÊUTICO. LEIA A BULA. SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, UM MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.**

SAC 0800 7231010
sac@bayer.com
Respeito por você

L.BR.MKT.11.2017.8959

house BAYER

www.bayer.com.br